

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

ZOY ANASTASSAKIS

*Refazendo tudo: confabulações em
meio aos cupins na universidade*

*Refazendo tudo: confabulações em
meio aos cupins na universidade*

2020 © Zoy Anastassakis
COLEÇÃO
PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS
COORDENAÇÃO EDITORIAL
Laura Erber
EDITORA
Laura Erber
PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO
Maria Cecilia Andreo
DESIGN GRÁFICO
Maria Cristaldi

Bibliotek.dk
Dansk bogfortegnelse-Dinamarca
ISBN 978-87-93530-430

Zazie Edições
Copenhague /Rio de Janeiro
www.zazie.com.br

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

ZOY ANASTASSAKIS

*Refazendo tudo: confabulações em
meio aos cupins na universidade*

ZAZIE EDIÇÕES

Dedico este livro ao meu pai, Demetre, que me fez ver que a Esdi era uma praça. Para ela se realizar, era só derrubar os muros e deixar a cidade entrar.

Preâmbulo	9
A peleja entre Pezão e os cupins em uma velha escola de desenho industrial	17
Sobre “índios, negros e pobres” redesenhando <i>design</i> a caminho do pluriverso	67
Agradecimentos	99

Preâmbulo

Os dois ensaios que compõem este livro abordam o movimento Esdi Aberta, por meio do qual, entre os anos de 2016 e 2017, alunos, ex-alunos, professores e funcionários da Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Esdi/Uerj),¹ investiram em modos alternativos de resposta à situação de precariedade imposta às universidades estaduais do Estado do Rio de Janeiro, naquele período governado por Luiz Fernando de Souza, conhecido como Pezão.

Em meio àquela situação, que terminou por inviabilizar a manutenção das atividades acadêmicas na Uerj, na Esdi foram ensaiados modos de ocupação e abertura que caminhavam junto com o cultivo de cuidado e comunidade entre os que habitavam aquele ambiente escolar. Acompanhando os experimentos

¹ A Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) foi fundada em 1962, diretamente ao governo do estado do Rio de Janeiro, à época estado da Guanabara. Em 1975, foi incorporada a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). A Esdi foi a primeira escola de desenho industrial no Brasil a lançar um curso de nível superior. Hoje, oferece cursos de graduação em design e arquitetura/urbanismo e cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) em design. Conta com, aproximadamente, 400 alunos na graduação e 100 na pós-graduação. Desde 2003, cerca de 35% do seu corpo discente na graduação é admitido por meio do sistema de reserva de vagas, política afirmativa em que a Uerj foi pioneira no Brasil.

esdianos, com este livro, convido os leitores a entrar em contato com algumas das situações em que, ali, na Esdi, nos engajamos em manter a escola aberta, imaginando outros modos de responder à precariedade imposta à universidade pelo governo Pezão.

Para isso, mobilizo as noções de correspondência e diferenciação intersticial,² habilidade de resposta e simpoiesis,³ agenciamento⁴ e pluriverso,⁵ evocando, por meio delas, no primeiro capítulo, os cupins que devoravam a escola, as pegadas enlameadas do Pezão, e outras estranhas emanações miasmáticas que se desprendiam da soterrada Lagoa do Boqueirão da Ajuda, por sobre a qual a Esdi foi edificada. No segundo ensaio, especulo sobre possíveis futuros para a universidade a partir de alguns dos encontros entre “índios, negros e pobres”⁶ que naquele momento, ali, tiveram lugar.

Sendo diretora da Esdi entre março de 2016 e dezembro de 2018, eu me vi diante do desafio de con-

² Tim Ingold. “On Human Correspondence”. *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.), 23, 2016, pp. 9-27.

³ Donna Haraway. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene* (*Experimental Futures*). Durham: Duke University Press, 2016.

⁴ Tim Ingold. *Correspondence*. Aberdeen: University of Aberdeen, 2017.

⁵ Arturo Escobar. *Designs for the Pluriverse. Radical Interdependence, Autonomy and the Making of Worlds*. Durham adotada Londres: Duke University Press, 2017.

Walter Mignolo. “On Pluriversality”. Disponível em: <<http://convivialism.org/?p=199>>. Publicado em: 20/10/2013. Acesso em: 04/2019.

⁶ A expressão “índios, negros e pobres” foi adotada pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, vencedora do carnaval do Rio de Janeiro em 2019, para substituir o termo “ordem e progresso” estampado na bandeira do Brasil.

jugar administração acadêmica e coordenação do movimento de resposta às ameaças contra a universidade, que se multiplicavam naquele período. Com a gravidade da situação, estar à frente da direção da Esdi passou a implicar, então, viver intensamente aquele momento político.⁷ Afinal, dadas as condições precárias⁸ em que se encontrava a Uerj, todos nós, responsáveis pela administração da suas unidades acadêmicas, fomos convocados a agir para sustentar a abertura da universidade.

Enquanto percebia a impossibilidade de desvincular administração acadêmica e ação política, passei a etnografar o que presenciava ali. Assim, a direção da escola e a coordenação do movimento imediatamente se mesclaram à pesquisa de campo autoetnográfica e ao esforço de realizar uma análise antropológica da situação. Desde então, eu e Marcos Martins, com quem eu compartilhava a direção, investimos na produção de materiais⁹ que tanto documentassem quan-

⁷ Jacques Rancière. *O descentendimento*. São Paulo: Editora 34, 1996.

⁸ Judith Butler. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

⁹ Zoy Anastassakis; Marcos Martins. “Smoke Signals from Brazil”. *Eye Magazine*, n. 95, vol. 24, 2018. Disponível em: www.eyemagazine.com/feature/article/smoke-signals-from-brazil.

Zoy Anastassakis; Marcos Martins; Lucas Nonno; Juliana Paolucci; Jilly Traganou. “Temporarily Open: A Brazilian Design School’s Experimental Approaches Against the Dismantling of Public Education”. *Design and Culture*. Nova York. ISSN: 1754-7075 (impresso) 1754-7083 (on-line). DOI: 10.1080/17547075.2019.1616917.

Neste momento, eu e Marcos Martins preparamos um livro que será lançado na coleção *Designing in Dark Times*, organizada por Clive Dilnot e Eduardo Staszowski para a editora Bloomsbury.

to nos ajudassem a elaborar o que estava acontecendo entre nós, abrindo espaço, assim, para que pudéssemos imaginar outros modos de seguir vivendo naquele lugar.¹⁰

A imaginação de futuros alternativos é uma das questões fundamentais em meio ao campo do *design*. Porém, nos últimos anos, também na antropologia, o debate sobre possíveis abordagens antropológicas em relação ao futuro vem ganhando lugar. Dessa discussão, destaco algumas questões: como seria possível imaginar (e ensaiar) futuros a partir de uma abordagem antropológica? Para isso, seria preciso reimaginar os modos de operação em exercício na antropologia? E quanto aos materiais produzidos pelos antropólogos? Seria necessário investir em outros modos de produção de conhecimento para que, em antropologia, se possa especular sobre o futuro?

Em meio a esse debate, alguns antropólogos têm se dedicado a formular revisões e reorientações para a disciplina,¹¹ propondo retomá-la como prática de pesquisa engajada, imaginativa, criativa e aberta.¹² Nesse

¹⁰ Desse esforço resultaram diversas participações em eventos científicos e mostras de design, algumas publicações, bem como a orientação de trabalhos de pós-graduação que se debruçaram sobre distintos aspectos do movimento Esdi Aberta.

¹¹ Marilyn Strathern. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

¹² Arturo Escobar. Op. cit.

Tim Ingold. *Anthropology and/as Education*. Londres: Routledge, 2018.

Tim Ingold. *Correspondence*.

Tim Ingold. "On Human Correspondence". Op. cit.

Tim Ingold. *The Life of Lines*. Londres: Routledge, 2015.

âmbito, revisitam a noção de observação participante, a fim de reconsiderar as práticas de pesquisa, escrita e ensino na área,¹³ e debatem as limitações e potencialidades das relações entre real e ficcional,¹⁴ equivocação¹⁵ e certeza na pesquisa antropológica. Surge, então, uma série de abordagens alternativas para a escrita. Entre elas, em diálogo com os trabalhos de Donna Haraway e Isabelle Stengers, a proposta de repensar a escrita antropológica como fabulação especulativa.¹⁶

Com Debaise e Stengers, Haraway, Ingold e McLean, fabulações especulativas podem ser definidas como a produção de ficções antropológicas suficientemente vívidas e intensas para abrir espaço para a imaginação de futuros transformativos, que

Tim Ingold. *Making: Anthropology, Archeology, Art and Architecture*. Londres: Routledge, 2013.

Tim Ingold. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Londres: Routledge, 2011.

Paul Rabinow; George Marcus; James Faubion; Tobias Rees. *Design for an Anthropology of the Contemporary*. Durham e Londres: Duke University Press, 2008.

¹³ Tim Ingold. "That's Enough about Ethnography! An Education of Attention as Purpose of Anthropology". *Hau, Journal of Ethnographic Theory*, 4(1), 2014, pp. 383-395.

¹⁴ Stuart McLean. *Fictionalizing Anthropology: Encounters and Fabulations at the Edge of the Human*. Minneapolis: University of Minnesota Press; 2017; Strathern, 2013.

¹⁵ Eduardo Viveiros de Castro. "Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. *Tipiti. Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, volume 2, n. 1, Article 1, 2004. Disponível em: <<https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1>>

¹⁶ Donna Haraway. Op. cit.

Stuart McLean. Op. cit.

Didier Debaise; Isabelle Stengers. "The Insistence of Possibles: Towards a Speculative Pragmatism. *Parse Journal* 7, Outono de 2017, pp. 13-19.

sejam capazes de intervir de modo transformador na realidade.¹⁷ As fabulações especulativas podem ser cultivadas por meio de experimentações de correspondência¹⁸ e observação participante,¹⁹ em que aqueles que observam atuam com responsabilidade²⁰ e engajamento.

Cultivando os indícios de transformação em uma determinada situação, as fabulações especulativas maximizam as fricções das narrativas com as experiências com o propósito de imaginar futuros possíveis para processos de transformação.²¹ Esses são experimentos de imaginação antropológica²² que buscam intervir e modificar realidades, desafiando ordens preexistentes a fim de transformar o futuro. Uma forma de *storytelling*²³ ativa que lida com estórias reais nas quais atores múltiplos estão envolvidos em translações parciais e transformações liminares em meio à diferença.

Os dois textos que compõem este livro são fruto de um investimento de escrita a que venho me dedicando nos últimos anos, que tem por aposta a possibilidade de produzir etnografias que sejam, ao mesmo

¹⁷ Stuart McLean. Op. cit.

¹⁸ Tim Ingold. "On Human Correspondence". Op. cit.

¹⁹ Tim Ingold. *Being Alive: Essays on Movement Knowledge and Description*. Op. cit.

²⁰ Donna Haraway. Op. cit.

Tim Ingold. *Correspondence*. Op. cit.

²¹ Didie Debaise; Isabelle Stengers. Op. cit.

²² Tim Ingold; Elizabeth Hallam (eds.). *Creativity and Cultural Improvisation*. Oxford: Berg Publishers, 2008.

²³ Donna Haraway. Op. cit.

tempo, ensaios de fabulação especulativa. Neles, con-fabulando com os cupins com quem coabitamos, na Esdi, me lanço, então, a um exercício de especulação sobre futuros alternativos para a prática de *design* e para a vida na universidade.

Afinal, em meio aos estranhos encontros de que trato nestes ensaios, bem como aos esforços realizados junto a colegas e alunos para dar conta deles enquanto material que nos convida a pensar sobre design e a vida acadêmica em outros termos, eu vislumbro a universidade (já) transformada em pluriversidade.

Defendo, então, que é ao prestar atenção a esses estranhos encontros que nos tornamos aptos a contar outras estórias, escapando, assim, das narrativas de “crise” formuladas para implodir a possibilidade de existência de espaços de educação e pensamento pluriversais. Dando a volta nessas e em outras tantas narrativas que pregam o fim do mundo, ao contar mais uma (outra) estória, tal como nos sugere Ailton Krenak, “estaremos adiando o fim”,²⁴ abrindo caminhos, enfim, em meio ao pluriverso.

²⁴ Ailton Krenak. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 27.

A peleja entre Pezão e os cupins em uma velha escola de desenho industrial²⁵

*Abacateiro acataremos teu ato
nós também somos do mato como o pato e o leão.*
Gilberto Gil

Distraídos venceremos.
Paulo Leminski

*Deixa eu te levar pela mão, vamos dar um passeio pelo
lado selvagem, no fundo do mar.*

Mergulhando no texto *On human correspondence*, ouço o chamado de Tim Ingold: “Deixa eu te levar pela mão. [...] Mão e mente, afinal, são inseparáveis, então, quando eu junto minha mão com a tua, nossas

²⁵ Esse texto foi originalmente publicado em inglês pela revista *Vibrant*: Zoy Anastassakis. “Remaking Everything: The Clash between Bigfoot, the Termites and Other Strange Miasmatic Emanations in an Old Industrial Design School”. *Vibrant*, vol. 16. Brasília, maio 2019a. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43412019000100202&lng=en&tlng=en.> Anteriormente, uma parte do material que compõe este trabalho foi publicada, também em inglês, pela revista *Society Space*: Zoy Anastassakis. “How Can We Correspond to a Time of Ruins, from Within the University? Openings, Occupations and Resurgences on a Brazilian Design School”. *Society Space*, 7/08/2018. Disponível em: <http://societyandspace.org/2018/08/07/how-can-we-correspond-to-a-time-of-ruins-from-within-the-university-openings-occupations-and-resurgences-on-a-brazilian-design-school/?fbclid=IwAR09cDKpejzf-q8uzvh7NEt1VSrbPkWPPpILD8ORiRuRGbSJlBj-d1k-XEUpc>.>

mentes também se encontram”.²⁶ Aceito. Vamos lá. De mãos dadas – ele continua – nossas vidas se vinculam, desenhando juntas uma zona de interpenetração, tal qual, como nos sugere Marcel Mauss, aquela que envolve os seres em meio às correntezas do fundo do mar. E ele prossegue, propondo: “E se nos juntarmos a Mauss e tomarmos o polvo e a anêmona como exemplares para pensar sobre a dinâmica da vida social?”²⁷

Com esse insólito convite que evoca o refrão *maussiano do Ensaio sobre a dádiva*, Ingold me toma pela mão e me leva, então, a observar o fenômeno social *à la* Mauss: vem, vejamos os seres e os grupos em movimento. Habitando um meio fluido, eles se comportam do mesmo modo que os seres tentaculares no fundo do mar. “Se enlaçando uns aos outros, esses seres se esforçam para resistir à corrente, que, de outro modo, os varreria em pedaços, mas em meio à qual eles são, no entanto, gerados sem fim. Isso é o que acontece quando eu te pego pela mão.”²⁸

Embalada por essa vaga oceânica soprada por Ingold e Mauss, eu me deixo levar em um passeio

²⁶ Tim Ingold. “On Human Correspondence”. Op. cit., p. 9. Tradução da autora. No original, “let me take you by the hand. [...] Hand and mind, after all, are inseparable, so, when I join my hand with yours, our minds also meet”.

²⁷ Ibidem, p. 10. Tradução da autora. No original, “what if we were to join with Mauss and take the octopus and the anemone as exemplars for thinking about the dynamics of social life?”.

²⁸ Ibidem, p. 9. Tradução da autora. No original, “thus hanging on to one another, beings strive to resist the current that would otherwise sweep them asunder, but in the midst of which they are nevertheless endlessly generated. That’s what happens when I take you by the hand”.

submarino em que termino por encontrar estranhas criaturas que, assim como os polvos e as anêmonas invocadas por meus companheiros de viagem, se confundem uns com os outros no fundo arenoso do mar. Reunindo-me a eles, subitamente deparo com a espantosa fluidez da vida social. Afinal, nos adverte Mauss retomado por Ingold, se nos propomos a ver as coisas como elas “realmente” são, o que vemos, então, são seres entrelaçados uns aos outros, em movimento. Aproximando-se e enrolando seus tentáculos, essas criaturas formam um emaranhado com todo o resto, conformando, assim, uma malha que se torna capaz de responder aos desafios do fundo das águas, da terra e do céu.

Tomando-me pela mão para me levar a essa reunião com Mauss, as anêmonas e os polvos no mar, Ingold me convida a pensar com linhas: descrever a malha é partir da premissa de que todo ser vivo é uma linha ou, melhor, um feixe de linhas. Como, então, devemos descrever a interpenetração de linhas de vida na malha da vida social? Uma maneira possível seria pensar em termos de nós.²⁹

Em retribuição ao convite, proponho aos meus companheiros uma visita à cidade onde habito, na região Sudeste do Brasil. Assim, partimos do Mar do

²⁹ Tim Ingold. *The Life of Lines*. Op. cit., p. 13-16. Tradução da autora. No original, “To describe the meshwork is to start from the premise that every living being is a line or, better, a bundle of lines. How, then, should we describe the interpenetration of lifelines in the mesh of social life? One possible way would be to think in terms of knots”.

Norte para o lado de baixo do Equador. Contudo, devido a uma corrente mais forte que insiste em nos desviar, em vez de seguirmos a rota mais curta, atravessando o Atlântico em direção ao sul, misteriosamente somos levados para cima.

Depois de cruzar o Estreito de Bering, somos atraídos para a costa da Califórnia, onde nossos múltiplos tentáculos se mesclam aos de Donna Haraway. Formando uma inusitada malha, descemos pelo Oceano Pacífico contornando o continente americano, até retornar ao Atlântico, agora já no Hemisfério Sul. Alcançando a costa brasileira, aportamos, enfim, no Rio de Janeiro. Adentrando a Baía de Guanabara, vislumbramos o Museu de Arte Moderna, onde, ainda nos anos 1950, alguns artistas, intelectuais e políticos sonharam edificar uma escola de desenho industrial. Exauridos após tão longa viagem, decidimos não visitar o museu e seguir um pouco mais, até as águas pantanosas da soterrada Lagoa do Boqueirão da Ajuda, onde, em 1779, após um surto de gripe e febre que atingiu grande parte da população, o vice-rei do Estado do Brasil, D. Luís de Vasconcelos, mandou construir um jardim público em estilo francês.

Primeira área urbanizada da cidade, manifesto do conceito iluminista de saúde pública, o Passeio Público pretendia fundar no Rio de Janeiro uma nova relação do homem com a natureza. De fonte de temores, a partir dali, sonhavam seus idealizadores, a natureza selvagem que reinava por essas terras se reinvestiria, então, como produto e resultado de conhecimento e

planejamento. Afinal, até o desenvolvimento da teoria microbiana das doenças, na segunda metade do século XIX, a medicina europeia associava as epidemias a impurezas no ar, os miasmas, originados das exalações de pessoas e animais doentes, das emanações dos pântanos e de substâncias em decomposição³⁰. Segundo essa teoria, uma vez que os miasmas fossem detectados pelo mau cheiro, se sua propagação fosse interrompida, seria possível, então, evitar e prevenir epidemias.

Em sua origem grega, o termo *miasma* tem relação com impureza, mancha. Ar corrompido, estragado. Ou, como descrito pelo médico Giovanni Maria Lancisi (1654-1720), o *miasma* era composto de certas influências nocivas emanadas dos charcos.³¹ Na passagem do século XVIII para o XIX, em meio à cruzada contra os miasmas e pela purificação dos ambientes, surge, então, uma forte preocupação com a qualidade da água. Fervuras, utilização de compostos clorados, acidificação e carbonização e, no limite, para a escala urbana, aterramento: eis alguns dos recursos explorados para o controle sanitário ambiental.

Entretanto, supostamente domesticadas pela ação humana, as águas da Lagoa do Boqueirão, que desagavam no mar, insistem em ali permanecer. Com as chuvas de verão, o Parque e a Rua do Passeio, para

³⁰ Lilian Al-Chueyr Pereira Martins; Roberto de A. Martins. Os miasmas e a teoria microbiana das doenças “[Miasma and the Microbian Theory of Diseases]”. *Scientific American Brasil* [Série História] (6), 2006, pp. 68-73.

³¹ Idem.

onde ele se abre, ainda hoje são inundados pelas persistentes águas enlameadas da lagoa, que, teimosamente, fazem questão de retornar ao seu lugar. Ao ressurgirem, avançam pela entrada do terreno onde finalmente se instalou, em 1962, a Escola Superior de Desenho Industrial, local onde se passa a estória que aqui começa a contar.

Mas quem conta essa estória não é aquela que partiu em um mergulho no Mar do Norte. Ao retornar à minha cidade, emergindo das águas em meio ao enlameado Boqueirão, encontro-me metamorfoseada em uma estranha e miasmática criatura, talvez parecida com alguma aranha, polvo ou coral. Meus pegajosos tentáculos não cessam de se multiplicar, e nesse movimento eu me amarro não somente a Donna Haraway, Tim Ingold e Marcel Mauss. Além deles, me envolvo, também, a outras criaturas, como Jeanne Favret-Saada, Starhawk, Isabelle Stengers, Bruce Albert, Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Ibã Huni Kuin e Carlos Castañeda. Conversando com eles, revisito a escola e as estórias que ali algum dia tiveram lugar. Como uma criatura tentacular, sinto a presença de alguns outros seres ctônicos que ali habitam. Deles emana o miasma que me alcança soprando estórias de futuros experimentais. Sobre elas me debruço, para ouvir e contar.

Buscando um pouco de sol, reúno forças para me desvencilhar das águas lamacentas do Boqueirão e, enfim, descansar, antes de iniciar a estória que agora começa a contar. Mas, aturdida em meio à confusão

do pensamento tentacular³² que me trespassa, descuido daquela velha preocupação em controlar os equívocos,³³ e me acomodo confortavelmente no espaço da equivocação para ali, preguiçosamente, habitar.

Certamente, essa não é a estória da história de uma escola brasileira de desenho industrial. Nem o relato de como, nesse estranho lugar, urbanização, modernidade e industrialização se colocaram como aliadas dos homens brancos que aqui se instalaram, criando colônias de exploração. Essa é tão somente uma tentativa de comunicar por diferenças, uma versão entre inúmeras versões que emanam em abundância desse lugar. Uma outra estória, que trata de miasmas, criaturas ctônicas, pensamento tentacular, metamorfoses, correspondências, entrelaçamentos, interstícios, reabilitações, ressurgências, recomeços, reinvenções.

Caminhando de mãos dadas com Donna Haraway e Tim Ingold por uma velha escola de desenho industrial, visitamos os cupins que nela habitam.

De volta ao começo, no início dos anos 1960, invoco um jovem alemão que, naquele momento, recém-formado em design, atravessa o Atlântico e, assim como eu e meus companheiros, termina por se instalar naquela mesma escola situada à Rua do Passeio, 80. Cinquenta e sete anos depois, em julho de 2017, em discurso durante cerimônia realizada na Esdi em

³² Donna Haraway. Op. cit.

³³ Eduardo Viveiros de Castro. Op. cit.

sua homenagem, o *designer* Karl Heinz Bergmiller comentou: “Na Esdi, as árvores contam a história. Eu fui plantar. Eu me identifico com elas”. Com essa fala, o ex-aluno da *Hochschule fur Gestaltung* de Ulm faz menção a uma dezena de *Ficus elastica* e *Terminalia catappa* encontradas no *campus* da primeira escola de ensino superior de desenho industrial no país, a Esdi, criada pelo governo do Estado do Rio de Janeiro (à época Estado da Guanabara) em 1962.

Instalada provisoriamente em um antigo conjunto de pequenas edificações militares situado no centro histórico da cidade, a escola segue funcionando até hoje nas mesmas dependências. Quando da reforma da área para que ali fosse sediada a nova escola, as tais árvores ainda não haviam sido plantadas. Alguns ex-alunos comentam que o plantio teria acontecido entre o final dos anos 1960 e o início da década seguinte, por iniciativa da então diretora, a engenheira, urbanista e feminista Carmen Portinho (1903-2001).

Hoje, as copas dessas árvores alcançam grandes alturas, e se espalham produzindo sombra em boa parte do *campus*. Suas raízes aéreas reencontram o solo, formando troncos auxiliares. Embaixo da terra, criam uma malha que se desdobra por todo o subsolo, forçando a estrutura das casas e suas paredes. Uma dessas raízes chegou a escalar a cobertura de um edifício vizinho, invadindo seu reservatório de água. Ao trilhar esse caminho, provocou rachaduras no piso do auditório onde aconteceram a homenagem ao pro-

fessor Bergmiller e tantas outras aulas e conferências, como as de Vilém Flusser e Umberto Eco.

É sabido que a polinização dos *Ficus* depende de uma vespa específica que se desenvolveu em um longo processo de trocas com essa planta. Mais do que simples interações entre seres vivos distintos, encontros como esses nos contam sobre o que Donna Haraway nomeia como *symbiogenesis*, ou *sympoiesis – making-with*.³⁴ Com esses termos, ela discute processos que se desenrolam por meio de longos períodos de intimidade entre estranhos, “práticas de criaturas transformando-se umas com as outras em cada nó de intra-ação na história da Terra”.³⁵ Assim, segundo ela, esses agenciamentos simbióticos são mais emaranhados do que entidades. Considerando-se essa leitura dos processos de troca entre seres de espécies distintas, simbiose não é um mero sinônimo para relações mutuamente benéficas, uma vez que os parceiros não precedem os entrelaçamentos. Eles são seres em encontro e, assim, portanto, consequências desses emaranhamentos.

Recuperando Bronislaw Malinowski, que descrevia a vida social como uma longa conversação, assim como Haraway, Ingold defende que “não há razão para que essas conversações sejam limitadas aos seres humanos, ou mesmo aos seres vivos. Nem os huma-

³⁴ Donna Haraway . Op. cit., p. 5.

³⁵ Ibidem, p. 60, tradução da autora. No original, “practices of critter becoming-with each other at every node of intra-action in earth history”.

nos precisam estar no centro delas”.³⁶ Tomando em conta seus argumentos, é preciso considerar, então, que “as colaborações entre pessoas – e populações – situadas de forma diferente são tão cruciais, e ativadas por meio delas, quanto aquelas entre humanos e animais”.³⁷

Mas como fazer para aprender a ouvir a sabedoria desses outros habitantes do mundo? Pensando sobre isso, Ingold põe em relação as noções de correspondência e sustentabilidade.

O problema em nossas relações com o mundo natural, então, é que esquecemos de como corresponder com os seres e as coisas de que ele é constituído. Estivemos tão preocupados com a interação entre nós e os outros que não conseguimos perceber como nós e eles seguimos juntos no tempo corrente. Isso, certamente, é o que a sustentabilidade significa: não a perpetuação de uma forma completa ou estado estável, mas a capacidade de continuar, prosseguir, perdurar. Se interação é sobre alteração, correspondência é sobre conjunção. É sobre os modos pelos quais as vidas, em seus perpétuos desdobramentos e transformações, respondem umas às outras. Este deslocamento de interação para

³⁶ Tim Ingold. *Correspondence*. Op. cit., p. 32. Tradução da autora. No original, “there is no reason for such conversations to be limited to humans, or even to living things. Nor need humans to be at the center of it”.

³⁷ *Ibidem*, p. 16. Tradução da autora. No original, “the collaborations among differently situated people – and peoples – are as crucial as, and enabled by those between the human and animals”.

correspondência implica uma reorientação fundamental, desde a intermediação entre os seres e as coisas até a sua *in-between-ness*.³⁸

Assim, levando a sério a fala de Karl Heinz Bergmiller e sua declaração de simpatia³⁹ para com as árvores plantadas na Esdi, com essa estória, proponho uma aproximação com essa velha escola de desenho industrial por meio do relato dessas e de algumas outras estranhas relações simpoiéticas que me foi dado perceber entre os anos de 2016 e 2018, período em que a escola e a universidade à qual ela pertence se encontravam intensamente ameaçadas em decorrência de uma crise política, financeira e institucional que vem afetando não somente o Estado do Rio de Janeiro, mas o Brasil como um todo.

Experimentando entremear os argumentos de Ingold e Haraway, eu me lanço, então, a um ensaio narrativo que se pretende ao mesmo tempo que espe-

³⁸ Ibidem, p. 41. Tradução da autora. No original, “The problem in our relations with the natural world, then, is that we have forgotten how to correspond with the beings and things of which it is comprised. We have been so concerned with the interaction between ourselves and others that we have failed to notice how both we and they go along together in the current of time. This, surely, is what sustainability means: not the perpetuation of a completed form or stable state but the capacity of keep going, to carry on, to endure. If interaction is about othering, then correspondence is about togetherness. It is about the ways along which lives, in their perpetual unfolding and becoming, answer to one another. This shift from interaction to correspondence entails a fundamental reorientation, from the between-ness of beings and things to their in-between-ness”.

³⁹ Tim Ingold. “On Human Correspondence”. Op. cit., p. 13.

culativo e imaginativo, documental e realista. Ainda nos termos de Haraway,⁴⁰ componho uma fabulação especulativa, que se insinua enquanto tento seguir os rastros de uma série de encontros multiespécie que vinham tendo lugar na Esdi. Esse experimento narrativo se organiza em torno de alguns dos nós formados por esses estranhos encontros. Observá-los, acompanhando as linhas que os conformam, é, então, minha aspiração.

Ao elaborar a noção de correspondência, é Ingold, mais uma vez, quem nos convida a pensar em termos de nós:

um nó é formado quando uma linha, como de corda ou fio, é entrelaçada com ela mesma ou com outra linha e apertada. Sugiro que, num mundo em que as coisas estão continuamente vindo a ser através de processos de crescimento e movimento – isto é, num mundo de vida – entrelaçamento é um princípio fundamental de coerência. É a maneira pela qual as forças contrárias de tensão e fricção, como a puxar, são geradoras de formas.⁴¹

⁴⁰ Donna Haraway. Op. cit.

⁴¹ Tim Ingold. “On Human Correspondence”. Op. cit., p. 10. Tradução da autora. No original, “A knot is formed when a strand such as of string or yarn is interlaced with itself or another strand and tightened. I suggest that in a world where things are continually coming into being through processes of growth and movement – that is, in a world of life – knotting is a fundamental principle of coherence. It is the way in which contrary forces of tension and friction, as in pulling tight, are generative of forms”.

Ao acompanhar tais processos de junção e entrelaçamento, pretendo também perscrutar a percepção das linhas ao se enroscarem umas às outras, o que Ingold nomeia como “simpatia”,⁴² “o viver com, ao invés de olhar para, uma forma de sentimento-conhecimento que opera no interstício de coisas”.⁴³ Assim, pensando com Ingold e Haraway, eu me proponho a permanecer um pouco mais com os problemas, buscando me engajar em aprender a aprender a estar verdadeiramente presente. Ao fazer isso, assumo minha própria posição em meio a esses diversos nós comunitários.

Contudo, deve-se atentar para os sentidos de comunidade evocados por esses dois autores, em que a partilha de um senso comum só se realiza na medida em que existe, entre os companheiros, alteração e variação. Nos termos de Ingold, nesse tipo de comunidade

[...] vinculada pela diferença emergente mais do que pela semelhança prévia – uma comunidade daqueles que não tem nada em comum, como descreve o teórico da educação Gert Biesta (2006: 55-71), a presença de outros que são inicialmente estranhos para nós demanda uma resposta. Em uma tal comunidade, “o que é feito, o que precisa ser feito e o que somente eu posso fazer é responder ao estranho, estar atento ao que o

⁴² Ibidem, p. 12.

⁴³ Idem. Tradução da autora. No original, “a ‘living with’ rather than a ‘looking at’, a form of feeling-knowing that operates in the interstices of things”.

estranho requer de mim. Somos solicitados a falar em uma linguagem de responsividade e responsabilidade” (2006: 64-5).⁴⁴

Para ativar um tal estado de atenção, é preciso estar presente. Assistir e ouvir. Nos termos de Ingold, isso significa cuidar. Cuidar dos outros. Essa atencionalidade é o que, segundo ele, nos permite perceber as texturas conformadas pelos processos de entrelaçamento entre alteração e junção. Novamente com Haraway, não podemos deixar de considerar os perigos envolvidos em escutas como essa: “o risco de ouvir uma estória é que ela pode nos obrigar a ramificar teias que não podem ser conhecidas antes de nos aventurarmos entre seus inúmeros fios”.⁴⁵

Para essa autora, a saída para uma tal armadilha reside em prestar atenção ao caráter situacional e contingencial de cada uma dessas estórias. Mas, para isso, não basta estar atento e ouvir. Ouvindo e prestando atenção, somos também convidados a contar. Estó-

⁴⁴ *Ibidem*, p. 20. Tradução da autora. No original, “bound by emergent difference rather than prior similarity – ‘a community of those who have nothing in common’, as theorist of education Gert Biesta (2006: 55-71) describes it – the presence of others who are initially strange to us demands a response. In such a community, Biesta writes, ‘what is done, what needs to be done, and what only I can do, is to respond to the stranger, to be responsive and responsible to what the stranger asks from me’ (2006: 64-5, original emphasis)”.

⁴⁵ Donna Haraway . *Op. cit.*, p. 132. Tradução da autora. No original, “the risk of listening to a story is that it can obligate us in ramifying webs that cannot be known in advance of venturing among their myriad threads”.

rias situadas, que falem de cooperações arriscadas,⁴⁶ mas que sejam também fabulações especulativas, assim como aqueles processos simpoiéticos em que multiespécies companheiras, engajadas em conjugar suas vidas, dão luz a colaborações e combinações inesperadas.⁴⁷ Compostas de muitas versões, “essas são estórias em que os atuantes multiespécies, que encontram-se enredados em traduções parciais e imperfeitas em meio à diferença, refazem meios para viver e morrer em sintonia com os ainda possíveis florescimentos finitos, as ainda possíveis recuperações”.⁴⁸

Assim, brincando com texturas, malhas, nós e linhas, ficções científicas, fabulações especulativas e figuras de barbante, Haraway e Ingold nos convidam a contar estórias que envolvem, ao mesmo tempo, processos de recordação e imaginação.⁴⁹ Nos termos de Haraway, estórias que falem da feitura de estranhos parentescos,⁵⁰ significando com isso “algo diferente/mais do que entidades vinculadas por ancestralidade ou genealogia”.⁵¹ Em seus termos, também Ingold nos desafia “a encontrar uma maneira diferente de

⁴⁶ *Ibidem*, p. 14.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 4.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 10. Tradução da autora. No original, “these are stories in which multispecies players, who are enmeshed in partial and flawed translations across difference, redo ways of living and dying attuned to still possible finite flourishing, still possible recuperation”.

⁴⁹ Tim Ingold. “On Human Correspondence”. *Op. cit.*, p. 21.

⁵⁰ Donna Haraway. *Op. cit.*, p. 2.

⁵¹ *Ibidem*, p. 103. Tradução da autora. No original, “something different/more than entities linked by ancestry or genealogy”.

escrever, (...) para experimentar: tentar as coisas e ver o que acontece”.⁵² Pensando com eles, surge, então, a questão: como contar histórias assim, cheias de *in-between-ness*?⁵³ Vejamos.

Na Esdi, os *Ficus* não estabelecem relações simpoiéticas apenas com as vespas polinizadoras, mas, também, e de forma bastante intensa, com os cupins que, ao longo dos anos, tomaram o *campus*. Por sobre as paredes, feitas de tijolo e concreto – materiais que eles atacam sem necessariamente ingerir –, esses insetos sociais mastigadores construíram canais e estradas, tecendo toda uma complexa malha viária que os levou até o seu verdadeiro alimento, a celulose.

Convivendo com microrganismos capazes de digerir celulose e outros compostos orgânicos, os cupins podem viver, literalmente, dentro da comida: seja no subsolo, nas árvores, janelas, portas ou nos tampo das mesas de trabalho em que os alunos da escola desenvolvem seus exercícios. Essa relação de companheirismo entre cupins, bactérias e protozoários, aliada à sua grande abundância nos ecossistemas, confere a esses insetos a possibilidade de atuar como superdecompositores⁵⁴ que, ao mesmo tempo que contribuem para a aceleração do processo de decomposição dos materiais orgânicos, atuam na aeração do solo.

⁵² Tim Ingold. *Correspondence*. Op. cit., p. 81. Tradução da autora. No original, “to find a different way of writing, [...] to experiment: try things and see what happens”.

⁵³ Tim Ingold. *The Life of Lines*. Op. cit., p. 147.

⁵⁴ Wikitermes. Disponível em: <<http://termite.wikidot.com/>>

Após a ocupação da escola pelos cupins, algumas portas, janelas e tampos de mesa que ao primeiro exame pareceriam intactos, quando tocados e analisados com maior atenção, revelavam-se refeitos por dentro. No lugar da madeira, um novo material, produzido como resultado da trofalaxia a que os cupins devem proceder para recuperar aqueles microrganismos com que desenvolvem relações de companheirismo que sustentam seus modos de vida.

Por trofalaxia, entende-se o processo alimentar em que um indivíduo disponibiliza para outro o que se encontra dentro do seu próprio tubo digestivo, por via oral ou anal. Alimentando-se do material regurgitado ou excretado por outros membros da colônia, os cupins se nutrem recuperando as bactérias e os protozoários que são capazes de digerir os materiais celulósicos. A participação e o engajamento nesse sistema de alimentação coletiva é fundamental para os cupins na medida em que durante a troca do exoesqueleto (ecside) a membrana onde se alojam os microrganismos simbiotes é perdida, o que causa a redução dessas trocas multiespécies, condição para a diversidade alimentar que resulta dessa intrincada relação simbiótica.

Contudo, mais do que mera troca nutricional, deve-se considerar que a trofalaxia é também um modo de comunicação, que decorre da transmissão de mensagens químicas, gota a gota. Quando as mandíbulas de dois cupins entram em contato, uma pequena gota se desprende da boca de um deles em direção

à do outro. “Uma fração de segundo e o recado já está dado”.⁵⁵ Além da trofalaxia, há, entre os cupins, um outro comportamento típico, *grooming* (limpeza), através do qual os indivíduos lambem uns aos outros. Mais um desses modos de comunicação, esse é também um mecanismo de eliminação de microrganismos e partículas estranhas que possam causar doenças entre os membros da colônia.

Mas não se esgota aí a especificidade do modo de vida dos cupins. Mais do que meros vegetarianos, essas criaturas são também canibais.⁵⁶ Afinal, eles consomem os restos tegumentares de suas ecides, podendo, também, canibalizar indivíduos traumatizados, enfraquecidos ou destoantes do padrão populacional. Tal voracidade por matéria animal resulta, ainda, no consumo de pequenos invasores, que adentram o ninho e acabam sendo mortos.

Seus ninhos, construídos a partir de misturas de solo, fezes, saliva e partículas de madeira,⁵⁷ podem conter de centenas a milhares de indivíduos. Neles, também podem ser encontrados muitos outros ani-

⁵⁵ R. M. Tinoco. “A sociedade anônima dos cupins”. *Super interessante*, 31/10/2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/a-sociedade-anonima-dos-cupins/>>.>

⁵⁶ Felipe A. P. L. Costa. “Termitologia, a ciência dos cupins”. Entrevista. *Observatório da Imprensa*, ed. 788, 4/2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/mosaico/ed788_terminologia_a_ciencia_dos_cupins/>.>

⁵⁷ P. R. Castro Júnior. *Dinâmica da água em campos de murundus do planalto dos Parecis*. Tese de doutorado (geografia física). Programa de pós-graduação em geografia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002, 193 pp.

mais, incluindo cupins diversos, inquilinos. Entre os termitófilos, animais que vivem juntamente com os cupins dentro das galerias, e os termitariófilos, que apenas fazem uso do cupinzeiro sem se relacionar com seus habitantes, podem ser encontrados besouros, aranhas, lagartos, ratos, pássaros etc.

Em meio a todas essas criaturas companheiras, vale destacar os protozoários que vivem dentro dos intestinos dos cupins, e que, por sua vez, formam relações simbióticas com diferentes tipos de bactéria. Sem elas, os cupins não sobreviveriam, uma vez que suas vidas são mutuamente constituídas por meio desses encontros e envolvimento que os conformam como entidades multipartidárias dinâmicas⁵⁸ “que se mantêm juntas, se desenvolvem, se comunicam e formam tecidos em camadas, como fazem os animais”.⁵⁹

Acompanhando Lynn Margulis, Haraway nos propõe seguir os modelos simbiogenéticos conformados por esses nós ou conjuntos simbióticos, os holobiontes.⁶⁰ Desse modo, a seu ver, podemos formular modelos que nos permitam acompanhar o que interessa de fato, a saber, as relacionalidades que abundam em meio aos movimentos de formação de ecossistemas complexos, os holobiomas.

O que faz das propostas de Haraway e Ingold material proveitoso para uma leitura da situação na

⁵⁸ Donna Haraway. Op. cit., p. 64.

⁵⁹ Ibidem, p. 65. Tradução da autora. No original, “that hold together, develop, communicate, and form layered tissues like animals do”.

⁶⁰ Ibidem, p. 62.

Esdi é que, ao enfatizar os aspectos relacionais da vida social, eles nos convidam a observar não apenas o que acreditamos conhecer, as coisas como entendemos que elas são, mas, sim, os intervalos por meio dos quais emergem insuspeitadas práticas simpoiéticas que respondem com habilidade aos desafios que se colocam para a vida em um planeta danificado.⁶¹ Entrelaçados, nos tornamos aptos a permanecer com o problema, em compromisso não com grandes fins e reinícios, mas com “curas parciais, reabilitações modestas e ainda possíveis ressurgências em tempos difíceis”.⁶²

Com Ingold e Haraway podemos especular sobre as conexões parciais⁶³ que abundam em meio aos contínuos encontros de todas essas espécies companheiras. E, com isso, considerar as questões que importam, o que não se limita às formas com que os animais se mantêm unidos, mas, sim, aos modos com que eles conformam arquiteturas e espaços que estimulam a emergência de processos de morfogênese surpreendentes.⁶⁴

Assim, para além de um mero interesse pela vida social das árvores e dos cupins e seus companheiros, com essa estória me proponho a pensar o que eles

⁶¹ Ibidem, p. 67.

⁶² Ibidem, p. 71. Tradução da autora. No original, “partial healing, modest rehabilitation, and still-possible resurgence in hard times”.

⁶³ Marilyn Strathern. *Partial Connections*. Lanham: Rowman and Littlefield, 1991.

⁶⁴ Donna Haraway. Op. cit., p. 66.

efetivamente fazem ao viver junto a nós, humanos, na Esdi. E, mais ainda, o que eles nos propõem com a sua presença. Em contrapartida, como nós, professores, alunos e funcionários, correspondemos⁶⁵ a eles e às simbioses arquitetônicas que eles conformam, enquanto seguimos vivendo nossa vida escolar.

Com isso, colocam-se as seguintes questões: em que medida nossa tomada de consciência da sua presença e os subsequentes esforços realizados para impedi-los de continuar devorando a escola nos contam sobre o que somos e o que podemos vir a ser, bem como sobre os modos com que ensaiamos responder também ao que vem nos afetando na Esdi, na Uerj e, de modo mais geral, na universidade pública no Brasil? O que essa tomada de consciência nos dá a perceber sobre essa antiga escola de desenho industrial e os modos com que ela vem respondendo ao tempo e aos cuidados a ela dedicados por aqueles que por ali têm passado ao longo dos últimos 58 anos? De que modo essas habilidades de resposta⁶⁶ ensaiadas na Esdi nos sugerem outros modos de ser e fazer escola?

Essas questões importam porque uma universidade é feita de escolas, faculdades, institutos e departamentos, onde convivem alunos, professores e funcionários, mas, também, cimento, madeira, metais, portas, janelas, telhados, mesas, cadeiras,

⁶⁵ Tim Ingold. *The Life of Lines*, op. cit.; “On Human Correspondence”, op. cit.; *Correspondence*, op. cit.

⁶⁶ Donna Haraway. Op. cit. Tim Ingold, 2016, 2018.

computadores, fios, tubos, água, energia elétrica, terra, árvores, grama e, no caso da Esdi, ácaros, vespas, mosquitos, aranhas, lacraias, cachorros, gatos, cupins e todos os microrganismos que com eles compartilham a vida.

Então, com Ingold e Haraway é possível pensar também a escola como um holobioma, composto de uma série de nós e juntas que formam uma malha delineada pelas linhas traçadas por entidades multipartidárias dinâmicas.⁶⁷ Nesse sentido, um lugar que está no mundo ao mesmo tempo que produz mundos, e que, assim, nunca está pronto, definido, fechado. Ao contrário, um ambiente em contínuo crescimento, que se transforma o tempo todo em meio aos movimentos de seus habitantes, vivendo juntos em diferença e em coabitação.

Pensando a presença dos cupins e das árvores para além dos problemas que ela nos coloca em termos de manutenção das edificações que compõem o *campus* dessa velha escola, o que, de fato, não é o mote deste ensaio, entendo ser possível especular, ainda com as árvores, os cupins e seus companheiros, sobre outras relações que demandaram, na Esdi, a capacidade de súbita resposta, como o grande rolo conformado pelo entrelaçamento entre a crise política e financeira no Estado do Rio de Janeiro e a manutenção das atividades acadêmicas na Uerj e, por consequência, também ali, na Esdi.

⁶⁷ Donna Haraway. Op. cit., p. 64.

Assim, seguindo as pistas de Marilyn Strathern retomadas por Haraway, que apontam para a antropologia como a prática de conhecimento que estuda relações com relações, colocando relações em risco com outras relações,⁶⁸ a seguir, proponho uma aproximação com alguns outros rolos, nós e juntas, conformados em meio aos ensaios de resposta aos distúrbios político-administrativos postos em prática por professores, funcionários e alunos da Esdi entre 2016 e 2017.

Agachados seguindo as pegadas do Pezão, deparamos com outras criaturas ctônicas que vivem nesse lugar.

Em março de 2016, em parceria com o professor Marcos Martins, assumi a direção da escola. Na Uerj, reitores e diretores de escolas e institutos são eleitos por via direta, em um processo que envolve alunos, professores e funcionários. Na Esdi, durante o período eleitoral no final de 2015, não surgiu nenhuma chapa candidata à direção. Em resposta a esse silêncio, o então diretor redigiu uma carta aos professores, convocando-os para uma reunião, solicitando que considerassem a possibilidade de formar uma chapa para concorrer à direção.

Há alguns anos, o diretor montara um grupo de trabalho que tinha por objetivo elaborar uma revisão do currículo do curso de graduação em desenho industrial. Esse grupo foi composto dos novos pro-

⁶⁸ apud Donna Haraway. Op. cit., p. 11.

fessores que chegavam à Esdi por meio de concursos públicos, que tinham por fim ocupar as vagas criadas a partir da aposentadoria de alguns professores mais antigos da escola. Em 2011, após a defesa de minha tese de doutorado,⁶⁹ eu me candidatei a uma dessas vagas e fui aprovada como professora adjunta na área de *design*, sociedade e história. Assim que comecei a lecionar, fui convidada a compor, com alguns dos demais novos professores, o grupo que estaria responsável pela elaboração do novo currículo.

Preocupados com a finalização desse processo, eu e o professor Marcos Martins, também um recém-contratado, decidimos, enfim, apresentar uma carta para a direção. Contudo, essa decisão só pôde ser tomada em seguida a uma proposta, formulada por mim naquela reunião: eu convocava os professores a doar horas de trabalho administrativo, para além da carga horária regular de ensino e pesquisa, portanto, sem contrapartida alguma. Naquele momento me parecia que ninguém se propunha a dirigir a escola porque aquela tarefa soava a todos como extremamente pesada e solitária. Imaginei, então, que havendo distribuição de trabalho e responsabilidade poderia surgir alguma proposta de candidatura. Fiz o apelo aos colegas professores presentes na reunião. Entretanto, ainda assim, ninguém se candidatou. Ao final do encontro, pareceu, então, a Marcos e a mim,

⁶⁹ Zoy Anastassakis. *Triunfos e impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e o design no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2014.

que, se não apresentássemos uma candidatura, todo o esforço, ainda não finalizado, para a elaboração e a implementação de um novo currículo, estaria ameaçado. Decidimos, então, nos candidatar.

Uma vez eleitos, iniciamos uma série de tentativas de descentralização da administração: passamos para um terceiro professor a gestão da verba que a universidade reverte periodicamente à escola para sustentar pequenos gastos ordinários; criamos coordenações de ensino, pesquisa e extensão; redistribuímos as tarefas entre os funcionários da secretaria; solicitamos à administração central um funcionário que ficasse responsável pela administração do *campus*; convidamos um professor para acompanhar a manutenção das instalações prediais e monitorar a infraestrutura de apoio às atividades acadêmicas; e, por fim, montamos o EsdiLab, um escritório de alunos que passaram a atuar junto da direção, lidando com questões em duas frentes distintas: 1) redesenho da comunicação da escola: identidade visual, suas aplicações na papelaria institucional e na sinalização dos espaços e website; 2) ocupação dos espaços: mapeamento dos recursos e das atividades alocadas em cada uma das partes da escola, proposição e efetivação de alterações nessa organização.

Formado inicialmente por oito alunos do curso de graduação, esse laboratório contribuiu de modo vital para a instalação de um novo ambiente dentro da escola, uma vez que seus componentes passaram a falar e agir com e pela direção, ampliando, horizontalizan-

do e descentralizando os cuidados não apenas com a administração ordinária, mas, sobretudo, reunindo propostas, ensaiando e pondo em prática ideias e projetos inéditos e outros antigos. Percebemos que, multiplicada, essa onda de cuidado poderia criar um campo de força⁷⁰ capaz de reativar, de outros e insuspeitados modos, os sentidos de comunidade na escola, o que ganhava ainda mais importância diante da enorme crise política, financeira e institucional que já nos atingia.

Uma das primeiras atividades após nossa posse na diretoria foi uma inspeção ao *campus* da Esdi, que eu não visitava de forma detida desde meus tempos de aluna, nos anos 1990. Nessa ocasião, fiquei bastante impressionada com a deterioração das instalações, que pareciam estar sendo tomadas pela ação do tempo, das plantas e dos cupins que se espalhavam por toda parte. Para além do meu espanto, em conjunto, entendemos, naquela visita, que, antes de mais nada, seria necessário investir na poda das árvores e na contenção dos cupins. Procuramos o órgão municipal responsável pelos parques e jardins, solicitando um laudo técnico sobre o estado das árvores no *campus* da Esdi.

Alguns professores advogavam pela eliminação total de algumas das árvores situadas junto às casas que abrigam as principais instalações da escola. Eu

⁷⁰ Tim Ingold. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Op. cit.

entendia que deveríamos podar apenas o necessário, atentando especificamente para os riscos de queda de galhos sobre os telhados e para as árvores já totalmente devoradas pelos cupins. Felizmente, o relatório determinou uma poda mínima, condenando à derubada apenas dois exemplares de abacateiro, que estavam ocós. Um deles ameaçava cair sobre um muro que separava a Esdi da Escola de Música da UFRJ, vizinha a nós.

Em relação aos cupins, contatamos um especialista em termitologia, professor aposentado de uma universidade pública, que prestava serviços de descupinização. Em suas visitas ao *campus*, fomos apresentados ao trabalho silencioso e invisível realizado por essas criaturas, que haviam transformado o interior de portas e janelas em outras insuspeitadas coisas. Os cupins pareciam ter o cuidado de não roer as suas superfícies externas, devorando o seu interior, para então adicionar um novo material, composto de saliva e excrementos. Assim, aparentemente, ainda era possível encontrar, nas salas, portas, janelas e tampos de mesa. Contudo, por dentro, elas não eram mais compostas de madeira. Em seu lugar, esse estranho material, produzido pelo esforço colaborativo dos cupins e seus companheiros intestinais.

Então, o que parecia ser ainda uma escola, era já uma mesma e outra coisa. Uma outra escola, aparentemente oca, mas já reconvertida por uma nova materialidade, produzida lentamente pelo trabalho invisível e silencioso de nossos companheiros cupins.

Se, por um lado, como administradores, tínhamos de combater a ação dessas criaturas e investir em modos de recuperar o que eles tinham danificado, por outro lado, o contato com essa outra arquitetura produzida por eles e seus companheiros nos lançava uma série de questões, relacionadas à novidade que se apresentava com aquela (des)arquitetura. Que outras novas histórias essa arquitetura simbiótica nos convidava, agora, a edificar?

Ora, se, na Esdi, como nos lembra Bergmiller, as árvores contam a história, é preciso considerar, então, sobre que histórias estamos, delas, dispostos a ouvir. Mais ainda, que histórias decidimos honrar: aquela com a qual se identifica esse professor-fundador a quem por duas vezes prestamos homenagem em 2017?; a da diretora Carmen Portinho, engenheira, urbanista e ativista do feminismo, plantando árvores junto aos alunos nos anos 1960?; a que nos contam as raízes tentaculares das árvores que se aventuram pela cidade em busca de água?; a dos cupins vivendo junto com bactérias e protozoários que com eles desenvolvem imbricados modos de vida e renovadas materialidades?; aquelas vividas pelos mais de mil *designers* já formados na Esdi?; a dos 45% de alunos que entraram na universidade por meio de uma política estadual que reserva vagas para estudantes oriundos da rede pública de ensino, negros, pessoas com deficiência e integrantes de minorias étnicas, além de filhos de policiais civis, militares, bombeiros militares e de inspetores de segurança e administração

penitenciária mortos ou incapacitados em razão do serviço, política na qual a Uerj é pioneira no país?; ou, talvez, a estória forjada pelo governador Luiz Fernando de Souza, mais conhecido como Pezão, à frente da administração do Estado do Rio de Janeiro entre 2014 e 2018?

Após um tempo de euforia, decorrente do anúncio da descoberta de reservas petrolíferas na camada de pré-sal do subsolo oceânico na região do Rio de Janeiro, este Estado mergulhou em processo de profunda crise financeiro-administrativa. A Uerj, universidade pública vinculada à administração estadual, e da qual a Esdi faz parte, foi afetada de modo intenso e inédito. Responsável pelo repasse de verbas para a manutenção e o custeio das atividades acadêmicas nessa universidade, o governo do Estado subtraiu os pagamentos de salários e bolsas de estudo, bem como o financiamento para a manutenção de infraestrutura e realização das atividades regulares de ensino e pesquisa. Os atrasos e as suspensões nos pagamentos tornaram-se recorrentes e cumulativos desde o início de 2016. Contudo, ainda em 2015, o governo descumpre contratos com as empresas que fornecem serviços terceirizados de segurança, alimentação, limpeza, manutenção e coleta de lixo.

Esse processo resultou em uma série de greves de professores, alunos e funcionários, bem como em suspensões temporárias das atividades por decisão da administração central da universidade, em razão de falta de água, luz, manutenção e serviços. Em meio

a essa situação, também irromperam diversos quadros de doenças, stress, depressão e outras complicações físico-emocionais. Cresceram o endividamento e as solicitações de desligamento e aposentadoria de professores e funcionários. Aumentou o número de pedidos de transferência de alunos para outras universidades e diminuiu a busca pelo ingresso nos cursos de graduação e pós-graduação.

Na Esdi, em reação à essa situação, alunos, ex-alunos, professores e voluntários se mobilizaram em defesa da sua sobrevivência. Ao longo de 2017, esse movimento terminou por ser denominado *Esdi Aberta*, expressão lançada em um evento que marcou a inauguração de novos meios de acesso e comunicação para a escola. Sobre ele, comenta o professor Pedro Luiz Pereira de Souza, ex-aluno e ex-diretor da Esdi: “tivemos uma grande reunião em defesa da escola à qual compareceram todas as gerações que por lá passaram. Ficou claro que por mais que o pensamento retrógrado e conservador insista em demonizar o ensino público, laico, livre e gratuito, prevaleceremos sobre ele. Eles passam e nossas ideias permanecem”.⁷¹

Resistindo à precariedade institucional e financeira, a manutenção da escola aberta se colocou como um exercício contínuo de gerenciamento compartilhado entre professores, alunos e funcionários, em que foram postos em prática diversos ensaios de sobrevivência em meio à precariedade. Além do esforço

⁷¹ Depoimento para a autora.

para descentralização, distribuição e horizontalização na liderança e administração da escola, emergiram diversas experimentações em torno de modos alternativos de abertura e manutenção das atividades: um grupo de alunos abriu terreno para o cultivo de uma horta comunitária onde, além de agricultura, eles passaram a desenvolver produtos e pesquisas a partir de materiais orgânicos;⁷² um outro grupo ocupou a oficina gráfica, até então desativada pela ausência de corpo técnico, criando o *Colaboratório*,⁷³ experimento de gráfica artesanal que envolve gerenciamento compartilhado de espaço, *hackeamento* de máquinas e produção de livros e demais artes gráficas; professores, alunos e ex-alunos se reuniram para oferecer cursos livres que contam com reserva de gratuidade de 50% das vagas para alunos da Esdi; e, também, dias inteiros de aulas e oficinas gratuitas e abertas ao público geral, com temas definidos com os estudantes. Outro grupo de alunos se organizou para viabilizar o pagamento mensal dos salários do zelador da escola, Carlos Ferreira dos Santos, o Carlinhos, que fora demitido por uma das empresas que romperam contrato com a universidade. Esses são alguns exemplos de ações realizadas em meio ao

⁷² Zoy Anastassakis; Pedro Biz; Diego Costa; Flavia Soares; Barbara Sznieski; Pedro Themoteo. “Design micelial: uma proposta para agricultura urbana a partir dos projetos do Laboratório Espaços Verdes da Esdi/Uerj”. *Lugar Comum* n. 53. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

⁷³ Roberta Pinheiro Guizan Silva. *Colaboratório: experimentos de colaboração e educação na oficina gráfica da Esdi*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPDESDI, 2019.

esforço pela sobrevivência e abertura da escola, naquele momento.⁷⁴

Para além dessas iniciativas, organizadas na Esdi, a universidade criava meios para o gerenciamento comunitário da situação. Com a intensificação dos atrasos nos pagamentos de salários, bolsas e nos repasses de verbas, a administração central mobilizou o fórum de diretores de unidades, que chegou a se reunir semanalmente, não tanto para deliberar sobre como a universidade poderia responder ao governo, o que muitas vezes também foi feito, mas, sobretudo, para que todos pudessem se manter atualizados quanto à situação em cada uma das unidades acadêmicas e nos diversos *campi* onde elas estão instaladas.

Nessas longas e repetidas reuniões, cada diretor trazia notícias das condições de funcionamento em sua unidade. A reitoria nos pedia para apresentar relatos sobre as condições para a realização das atividades de ensino, pesquisa e administração, mas, também, para reportar sobre as apreciações comunitárias, que deveriam ser resultado de encontros periódicos entre professores, alunos e funcionários em cada unidade acadêmica, para que, assim, toda a universidade pudesse estar a par não apenas das condições de funcio-

⁷⁴ Sobre as experiências vividas na Esdi entre 2016 e 2018, acessar <<https://ESDIaberta2017.wixsite.com/linhadotempo>>, em que foram publicados os resultados da pesquisa de mestrado realizada por Juliana Paolucci sob orientação minha e de Marcos Martins no PPDESDI.

Juliana Paolucci. *Esdi aberta: design e (r)existência na Escola Superior de Desenho Industrial*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPDESDI, 2018.

namento, mas, sobretudo, do “pulso” comunitário. O intenso ir e vir entre essas inúmeras reuniões, em que na maioria das vezes não havia algo a ser deliberado, gerava angústia em muitos de nós. No entanto, o esforço para a manutenção da comunicação em meio a uma situação cada vez mais complicada foi fundamental para a ativação de um forte senso comunitário na Uerj e, também, na Esdi.

Esse tenso processo se intensificou quando, ainda nos primeiros dias de 2017, a administração central declarou a impossibilidade de retomada das aulas, por causa da ausência de recursos e serviços básicos. Essa decisão deu início a um amplo debate nas unidades acadêmicas sobre as alternativas possíveis para evitar o completo fechamento das atividades na universidade.

Em uma dessas reuniões, na Esdi, debatíamos sobre o que fazer, quando um funcionário da secretaria pediu a fala para defender que deveríamos fechar a escola a chave e esperar que ela caísse, pois, a seu ver, somente assim a “opinião pública” tomaria ciência do que nos acometia. Ele foi replicado por uma técnica de informática, que ponderou: se fecharmos a escola e deixarmos cair, seremos nós, e somente nós, a retirar os escombros e limpar o terreno para o retorno das atividades, de forma mais precária ainda.

Naquele momento, parecia que ninguém se importava com a universidade. Nos debatíamos para chamar atenção. Muitos defendiam que o caminho para enfrentar a situação seria mobilizar a “socieda-

de civil”, buscando apoio junto à “opinião pública”. Ponderava-se sobre as perdas e os ganhos envolvidos no fechamento ou na abertura da universidade. O debate era constante e, apesar da enorme tensão que o cercava, o ambiente aberto à discussão, que na maioria das vezes não passava por tomadas de decisão ou votações, terminou por estabelecer um clima de motivação e engajamento entre aqueles que, assim como a técnica de informática, estavam dispostos a manter a escola e a universidade abertas e em operação, mesmo que de forma improvisada e parcial.

Em meio a essas reuniões, decidimos, na Esdi, que seria importante mobilizar não apenas a comunidade atual, mas, também, os ex-alunos, reativando a associação de amigos da escola. Com isso, buscávamos ampliar o cuidado, tornar visível a nossa situação e comemorar, com uma grande festa, a abertura de novo portão de acesso ao *campus* e *website*, ambos realizados através de parcerias articuladas ainda em 2016. O evento, denominado *Esdi Aberta #Uerjresistente*, foi marcado para 12 de fevereiro de 2017.

A mobilização rapidamente se ampliou quando um ex-aluno, o compositor e escritor Nelson Motta, colunista de um jornal de grande circulação, publicou um artigo denunciando a ameaça de fechamento da escola. Logo se articulou uma reunião com a presença de muitos ex-alunos, que se mobilizaram em uma força-tarefa para o levantamento de doações que financiassem alguns gastos infraestruturais urgentes e para organizar a festa. Assim se formou um grupo

que ficou responsável pela organização do evento e pela reunião de doações. Passamos, então, a ter reuniões periódicas, não somente para tratar de problemas, mas, também, para preparar a comemoração.

Mas por que comemorar? Discutimos muito sobre isso e terminamos por entender que, diante de um quadro de tamanha instabilidade, em que parecia impossível vislumbrar qualquer tipo de articulação para escapar da precariedade que se instalava entre nós, na universidade, a melhor saída seria afirmar a nossa presença naquele lugar, lembrando a nós mesmos e aos outros que a Esdi existia e seguiria existindo. Comemorar não apenas para lembrar o que nos conforma como uma comunidade, mas, também, para atrair e prolongar, no presente, o que desapareceria sem a reciprocidade ativa de parceiros.⁷⁵

Dois motivos concretos animavam a festa: a abertura de um novo portão de acesso ao *campus* e o lançamento de um novo website, ambos projetos realizados por meio de parcerias com alunos, ex-alunos e instituições públicas e privadas. O evento contou com oficinas de arte e *design*, mutirão de plantio, grafite, bazar beneficente, feira de comida e bebida, desconferências, homenagem ao Prof. Bergmiller, aula aberta do Prof. Pedro Luiz Pereira de Souza, cerimônia de abertura do portão e lançamento de novos website e identidade visual, além de concerto reunindo vários artistas e, para encerrar a festa,

⁷⁵ Donna Haraway. Op. cit., p. 25.

um bloco de carnaval. Passaram pela Esdi, nesse dia, mais de 1.500 pessoas, e houve importante repercussão na mídia local e nas redes sociais. Diferentes gerações de ex-alunos se reencontraram, e a onda de cuidado comunitário se espalhou para além da festa. Nas semanas seguintes, muitos ex-alunos voltaram à escola, propondo parcerias e se engajando em diversas atividades. Assim, foram sendo ensaiadas várias propostas para garantir a abertura da escola, que foram sendo testadas ao longo de todo o ano de 2017.

Tínhamos consciência de que nada disso “resolveria” o nosso grande problema nem garantiria a manutenção e abertura da escola. Tampouco esperávamos que ali se apontasse para outras coisas que não uma escola, em que a Esdi pudesse se transformar. Não buscávamos, com isso, ser outra coisa, mas, sim, continuar sendo uma escola de desenho industrial em seu tempo. Se o tempo é de ruínas, como então proceder? Como corresponder a um tempo de precariedade, em ressurgência?

Um mês após a festa, no dia 14 de março, um grupo formado por cerca de 40 alunos decidiu ocupar a escola, passando a viver nas suas dependências. Essa ocupação, por eles denominada *OcUPA Esdi*, envolvia também aqueles alunos que compunham o grupo que vinha atuando junto à direção. No meio da tarde, eles entraram na sala da direção, onde alguns professores estavam reunidos, e informaram sobre o início da ocupação. Logo mais, à noite, em uma declaração

publicada nas redes sociais e afixada nas salas, eles declaravam o que os movia:

Nós, um grupo de alunos da Esdi, decidimos iniciar um movimento de ocupação, hoje, 14/03/2017. Devido aos sistemáticos atrasos e não pagamento de funcionários, bolsas de alunos e verbas de manutenção da infraestrutura da Uerj, concordamos com o posicionamento do fórum de diretores, que vem declarando a impossibilidade do retorno ao funcionamento regular da universidade. Ao mesmo tempo, o esvaziamento da universidade coloca em risco a própria existência destes espaços. Com a comunidade se fragmentando, buscando saídas particulares, perde-se o senso do bem coletivo. Tendo em vista este panorama, entendemos que a ocupação é uma alternativa que pode fomentar atividades de criação e transmissão de conhecimento aplicado a essa realidade. Isto sendo a essência da universidade, é nossa verdadeira ferramenta para reintegrar a comunidade em defesa da educação pública e popular.

(...) Ocupar a Esdi nesse momento significa endossar a direção e dar força pra que ela defenda esse caminho no fórum de diretores. É o caminho que estamos construindo para tornar possível o retorno às aulas nesse quadro de desmonte da universidade. É também um meio de garantir que várias propostas/demandas de atividades que a gente vê surgindo saiam do papel, mantendo a produção e troca de conhecimento em *de-*

sign. Assim também criamos melhores condições de acesso a essa produção para todos os alunos.

Hoje vamos dormir na Esdi como forma de marcar posição e criar um espaço de mobilização assumindo uma postura ativa como alunos na construção de uma via alternativa em face do sucateamento total e do esvaziamento, da fragmentação da comunidade universitária, para organizar aulas, oficinas, cursos, articulando com professores e ex-alunos, resolvendo questões de infraestrutura e se integrando com outros movimentos da Uerj e da defesa da educação pública e popular.⁷⁶

Assim, eles passaram a pernoitar em uma das salas de aula e reivindicaram a cessão de um espaço para cozinhar. Solicitamos à universidade a autorização para a instalação de um fogão em nossas dependências e comunicamos à administração central a profunda confiança que a direção da escola tinha naquele grupo. Contudo, com a ocupação, houve uma significativa mudança na relação entre a direção e o grupo de alunos que até então formava o Esdi-lab. Sem abandonar seus postos, esses alunos passaram a organizar sua agenda e suas prioridades junto aos demais ocupantes, e não mais como um grupo que apenas apoiava os diretores. Com isso, ao mesmo tempo que declaravam apoio ao posicionamento da

⁷⁶ OcUPA Esdi. Texto publicado pelo OcUPA Esdi nas redes sociais e nos espaços da escola, 14/3/2017.

direção da Esdi e do fórum de diretores da Uerj, assumiam sua autonomia diante da estrutura convencional de administração escolar. Ao criar uma instância de ação e habitação naquele lugar, eles contribuíram imensamente para a sedimentação de um outro senso comunitário na escola, orientado de forma autônoma pelos alunos.

Ao longo do mês em que ocuparam a Esdi, eles dedicaram parte do tempo à organização da rotina, mas, também, ao mapeamento e à limpeza dos espaços, bem como à organização de aulas, oficinas e debates sobre *design* e política. Também se engajaram coletivamente em projetos de *design* que gerassem renda para os gastos da ocupação, como alimentação e limpeza. Entretanto, a partir de 17 de abril, com o retorno das aulas, a ocupação terminou por ser desmobilizada. Contudo, o sentimento que ela aportou trouxe à tona mais uma importante camada de vida na escola. Afinal, com a ocupação, os alunos reivindicavam a legitimidade do seu pertencimento àquele lugar. Mais ainda, o seu direito de habitar e atuar na escola a seu modo.

Alguns dos espaços ativados ou dinamizados durante a ocupação seguiram operando, mesmo após o seu término, por meio de gestão colaborativa. Destacam-se aí os projetos *Espaços Verdes* e *Colaboratório*, que antes da ocupação já se articulavam segundo princípios de gestão compartilhada de espaços e atividades, e que continuaram a existir, nos mesmos termos; e a cozinha colaborativa, montada

pelos ocupantes e na qual alunos, professores e funcionários passaram a cozinhar e comer juntos, muitas vezes em mutirão. Nesses espaços, então, seguiu em andamento a ocupação.

Nos termos de Eduardo Viveiros de Castro, no texto *Os Involuntários da Pátria*, “pertencer à terra, em lugar de ser proprietário dela, é o que define o indígena. E, nesse sentido, muitos povos e comunidades no Brasil, além dos índios, podem se dizer, porque se sentem, indígenas muito mais que cidadãos”.⁷⁷ Assim, segundo essa afirmação, indígenas seriam todos aqueles que fazem parte de uma comunidade ligada a um lugar específico e que, com isso, se reconhecem como pertencentes à terra, reivindicando o seu direito de nela viver.

Obviamente, os alunos que ocuparam a Esdi não reivindicavam para si o reconhecimento como indígenas. Contudo, eles proclamavam, na escola, a mesma dupla afirmação: o pertencimento àquele lugar e o direito de ali permanecer, para além do que se lhes impõem aqueles que julgam deter o direito de regular o que pode acontecer por ali. Assim como muitos grupos indígenas que têm reivindicado o direito de relembrar seu pertencimento a uma determinada terra, o que, por consequência, implica a reivindicação do seu direito de nela viver, os alunos que ocuparam

⁷⁷ Eduardo Viveiros de Castro. “Os involuntários da pátria”. Caderno *de Leituras* n. 65. Série Intempestiva. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017, p. 5. Disponível em: <http://chaodafeira.com/cadernos/os-involuntarios-da-patria/>>>

a Esdi se permitiram recordar e, assim, indicar aos demais que eles também eram parte daquele lugar.

Desse modo, como as criaturas ctônicas imaginadas por Haraway,⁷⁸ os alunos que ocuparam a escola reivindicavam seu pertencimento àquele lugar. Ao fazer isso, eles não apontavam para possibilidades futuras de superação da “crise”, ou para algum tipo de restauração de um estágio prévio ideal; mas, sim, permanecendo com o problema, eles simplesmente afirmavam seu comprometimento “para as possibilidades mais modestas de recuperação parcial e permanência conjunta”.⁷⁹ Afinal, nada ficaria resolvido ou garantido com a sua ação de ocupação. Apostando em cooperações arriscadas,⁸⁰ eles apenas insinuavam que, em meio à precariedade e à incerteza, era possível revolucionar, respondendo criativamente às contingências, em ressurgência.

Com essa atitude simpoiética, que reconfigurava a distribuição de informação e controle sobre a escola, eles terminaram por explicitar a impossibilidade de delimitação do poder de gerir aquela instituição e a situação em que ela se encontrava naquele momento. Afinal, se ninguém nos mandava fechar a universidade, tampouco havia alguém que pudesse garantir o seu funcionamento. Assim, tudo se passava como se não houvesse nem mesmo a possibilidade de se deli-

⁷⁸ Donna Haraway. Op. cit., pp. 2 e 71.

⁷⁹ Ibidem, p. 10. Tradução da autora. No original, “to the more modest possibilities of partial recuperation and getting on together”.

⁸⁰ Ibidem, p. 14.

berar sobre o que fazer em meio àquela situação. Mais ainda, se não era possível vislumbrar meios alternativos para garantir a abertura, muito menos se poderia planejar em termos de futuro.

Com isso, a ocupação dos alunos na Esdi parecia querer dizer que só nos tornaríamos aptos a enfrentar o que nos ameaçava se nos tornássemos, também, capazes de nos transformar por meio de estranhas e arriscadas cooperações, que poderiam, assim, constituir novos e efetivos coletivos. Reaprendendo como conjugar mundos com conexões parciais, poderíamos nos tornar capazes de inventar modos pedagógicos e tecnológicos que nos capacitassem a responder a problemas que, afinal, são novos para todos nós.⁸¹ A tarefa era, então, da mesma sorte que aquela comentada por Haraway: “aprender a viver e a morrer bem uns com os outros em um presente turvo”.⁸² Cultivando com eles essas “artes para viver em um planeta danificado que exige pensamento e ação simpoiéticas”,⁸³ podemos aprender a seguir vivendo em ruínas e, assim, edificar arquiteturas simpoiéticas insuspeitadas, em que poderemos prosseguir juntos em diferença.

Mas essas diferenças não envolvem apenas as criaturas ctônicas que evoquei até agora. Só esbarramos

⁸¹ Ibidem, p. 18.

⁸² Ibidem, p. 1. Tradução da autora. No original, “learning to live and die well with each other in a thick present”.

⁸³ Ibidem, p. 67. Tradução da autora. No original, “arts for living on a damaged planet that demand sympoietic thinking and action”.

nelas porque nos agachamos nas águas lamacentas do Boqueirão, examinando algumas das pegadas deixadas pelo Pezão.⁸⁴ Tornando visível a passagem dessa agigantada criatura, rastros enlameados abriram caminho para que voltássemos a sentir as emanções miasmáticas da lagoa, que nunca deixaram de circular por ali, mas para as quais fomos nos tornando pouco a pouco insensíveis. Entorpecidos pelo miasma que é expelido desde sempre, encontramos, enfim, esses outros mundos, onde não é mais possível distinguir entre humanos e outras criaturas, água, céu e terra, tampouco entre passado, presente e futuro. Mas isso é só o começo.

Permanecendo com o problema, refazemos comunidade e cuidado. Mas isso é só o começo.

Assentada sobre a terra que soterrou a Lagoa do Boqueirão, essa pequena e velha escola de desenho industrial pôde levar o movimento de abertura e cuidado a um limiar em que a ativação do senso comunitário caminhou lado a lado com revisões dos modos de organização e administração, bem como das formas de ensino, e, como se não bastasse, do que para muitos caracteriza o “coração” da atividade dos *designers*, a saber, a prática de projeto.

Essas experimentações, assim como o senso comunitário que as inspirou, podem parecer como meros

⁸⁴ Carlo Ginzburg. “Morelli, Freud and Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method”. In: Eco, U.; Sebeok, T. A. (eds.). *The Sign of Three: Dupin, Holmes, Peirce*. Bloomington: Indiana University Press, 1988, p. 95.

atos improvisados e sem consequência, que servem apenas para mitigar, circunstancialmente, os efeitos da situação. Contudo, tal como as portas e janelas refeitas por uma outra materialidade, elas se multiplicam, criando, assim, de fato, uma nova e outra escola. Não porque rejeita ou recusa o passado, nem porque se pretende remodelada para o futuro como fruto de um outro novo projeto, mas, sim, uma mesma nova outra escola que corresponde ao que acontece aqui e agora.

Então, os modos com que, na Esdi, ensaiamos reagir não apontam apenas para caminhos de reinvenção da escola, mas, também, ampliam o debate sobre a noção de futuro como elemento tradicionalmente entendido como fundamental para a caracterização do exercício de projeto na prática profissional de *design*. Afinal, na retórica industrial que informa essa atividade, primeiramente as coisas deveriam ser idealizadas para, em seguida, serem modeladas, testadas, fabricadas, lançadas no mercado e, enfim, consumidas. Segundo essa versão, os desenhistas industriais seriam aqueles que se dedicariam ao projeto de desenvolvimento das coisas enquanto produtos da indústria. Planejando hoje o que só entraria em circulação um pouco mais tarde, em um futuro mais ou menos próximo. Projeto em *design* teria a ver, então, com as ideias de previsão, prescrição, predição.⁸⁵

Uma vez que, desde então, e ainda mais após as eleições presidenciais no final do ano de 2018, te-

⁸⁵ Tim Ingold. *Making: Anthropology, Archeology, Art and Architecture*. Op. cit.

mos sido surpreendidos diariamente com novos e insuspeitados desafios, a predição supostamente intrínseca à atividade de projeto em *design* parece incompatível com as urgências e com a precariedade que nos ameaçam. Assim, as respostas que ensaiamos na Esdi, operadas em meio a intensos processos de experimentação e improvisação, parecem indicar transformações fundamentais nas ênfases temporais que orientam o exercício do *design*, uma vez que, mais do que planejar artefatos ou formas de comunicação com vias a uma implementação em um tempo futuro, é preciso tomar uma atitude e responder em tempo presente.

Parece, então, que a lógica industrial já não nos serve mais. Se formamos a última área de conhecimento a brotar do projeto ocidental moderno, acreditando, então, nas grandes separações, isso e aquilo – criação, produção, consumo, nós e eles – projetistas, consumidores e usuários, talvez seja hora de perceber que esse mesmo projeto, a que muitos de nós, *designers*, devotam sua fé, não mais nos cabe. Ou será que nós é que não cabemos mais nele? Será que algum dia teremos cabido?

Falando com *designers*, Bruno Latour⁸⁶ nos convida a abandonar os dogmas do modernismo Prometeico, refazendo a atividade profissional de *design*

⁸⁶ Bruno Latour. “A Cautious Prometheus? A few steps towards a philosophy of design (with special attention to Peter Sloterdijk)”. Palestra principal. *Networks of Design*, Design History Society, Falmouth, Cornwall, 2008. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/112-DESIGN-CORNWALL-GB.pdf>>.

numa era pós-prometeica. Será que conseguimos imaginar Prometeus se apropriando do fogo de forma cautelosa, precavida, cuidadosa? Esse outro Prometeus, seria ele um *designer* projetando com precaução? Desenhando as coisas junto? Latour lança a questão: “Como podemos desenhar juntos questões de interesse, de modo a oferecer para a disputa política uma visão geral, ao menos uma visão, das dificuldades em que seremos enredados a cada vez que tivermos que modificar os detalhes práticos de nossa existência material?”⁸⁷.

Voltando à Esdi, e ensaiando responder a essas questões, poderíamos, então, falar de um *design* ctônico, um *design* de seres ctônicos, que não estão mais preocupados em projetar, senão em responder com atenção, desenvolvendo, assim, as suas próprias habilidades de resposta em tempos de precariedade. Uma prática de *design* que, “através dessa busca contínua por deslocamento e mudança, esforça-se para manter continuamente em experimentação”,⁸⁸ como o que propõem os pesquisadores do *CoDesign Research*

⁸⁷ Ibidem, p. 11. Tradução da autora. No original, “How can we draw together matters of concern, so as to offer to political dispute an overview, or at least a view, of the difficulties in which we are going to be entangled every time we are going to have to modify the practical details of our material existence?”.

⁸⁸ Taul Ulv Lenskjold; Sissel Olander; Joachim Halse. “Minor Design Activism: Prompting Change from Within. *Design Issues* volume 31, n. 4, outono de 2015, p. 67. Tradução da autora. No original, “through this ongoing quest for displacement and change, strives to continually maintain experimentation”.

Center, da Royal Danish Academy of Fine Arts, com a noção de “ativismo de *design* menor”.⁸⁹ Ensaçando outros dispositivos de conversação,⁹⁰ por meio de experiências abertas, um *design* como esse procura desafiar agendas prescritivas e, sobretudo, reconfigurar as relações coletivas.

Ao assumir que só podemos construir porque habitamos,⁹¹ esse modo simpoiético de pensar e fazer *design* não resolve nenhuma “crise”, nem sequer propõe soluções alternativas. Mas, reivindicando, vai recuperando, em nós, a capacidade de viver e morrer bem com a diferença e, assim, corresponder, honrando toda experiência que nos importa, não como nossa, mas como experiência que nos anima.⁹² Ao reclamar, um tal processo de correspondência de agenciamentos⁹³ vai criando outras presenças, outros modos de resposta, habitação e construção de mundos, em ressurgência.

⁸⁹ Ibidem. Tradução da autora. No original, “minor design activism”.

⁹⁰ Zoy Anastassakis; Barbara Szaniecki. “Conversation Dispositifs: Towards a Transdisciplinary Design Anthropological Approach”. In: Smith, R. C.; Otto, T.; Vangkilde, K. T.; Halse, J.; Binder, T.; Kjaersgaard, M. (eds.). *Design Anthropological Futures: Exploring Emergence, Intervention and Formation*. Londres e Nova York: Bloomsbury, 2016, pp. 121-138.

⁹¹ Heidegger apud Elizabeth Hallam; Tim Ingold (eds.). *Making and Growing. Anthropological Studies of Organisms and Artefacts*. Surrey e Burlington: Ashgate, 2014, p. 4.

⁹² Isabelle Stengers. “Reclaiming Animism”. *e-flux Journal* # 36, julho de 2012. Disponível em: <www.e-flux.com/journal/36/61245/reclaiming-animism/>.>

⁹³ Tim Ingold. *Correspondence*, op. cit.; *Anthropology and/as Education*, op. cit.

Então, invocando esses processos de devir conjunto, entendendo interpenetração como uma condição, e recuperando os modos com que espécies companheiras, ao combinar suas vidas, seguem juntas, com Ingold e Haraway encontramos pistas para escapar de uma leitura simplista dos processos de fazer comum (*commoning*). Afinal, é preciso considerar, como nos sugere Ingold seguindo as propostas do filósofo John Dewey, as práticas envolvidas nesses processos. E, assim, não pode haver vida em comum sem variação, nem variação sem vida em comum. Segundo essa perspectiva, vida em comum e variação são codependentes.

Para Ingold, a noção de “variação-em-comunhão antecipa a ideia de diferenciação intersticial”.⁹⁴ Prestar atenção a essa arena intersticial da experiência do intervalo, o meio do caminho, em que não há sujeitos antes da ação, é o que ele nos propõe por meio da noção de “correspondência de agenciamentos”.⁹⁵ Seguindo essas correspondências,⁹⁶ feitas por meio de colaborações improváveis,⁹⁷ e atentando tanto para os nós quanto para os intervalos forjados por eles, Ingold e Haraway sopram em nossos ouvidos histórias contadas em registros outrora silenciados, que requerem leitura com todos os nossos sentidos.

⁹⁴ Tim Ingold. “On Human Correspondence”. Op. cit., p. 15. Tradução da autora. No original, “anticipates the idea of interstitial differentiation”.

⁹⁵ Ibidem, p. 17. Tradução da autora. No original, “correspondence of agencing”.

⁹⁶ Tim Ingold. *The Life of Lines*, op. cit.; “On Human Correspondence”, op. cit.; *Correspondence*, op. cit.

⁹⁷ Donna Haraway. Op. cit., p. 136.

Curiosos desdobramentos desse processo são as pesquisas realizadas por Pedro Themoteo,⁹⁸ no mestrado, e Diego Costa, Pedro Biz e Pedro Costa, no doutorado, que a partir do envolvimento com a horta na Esdi passaram a fabricar artefatos junto com as árvores⁹⁹ e a cultivar colônias de bactérias (kombucha) com as quais experimentam criar materiais e produtos, como uma carteira de dinheiro feita de celulose bacteriana.¹⁰⁰ Ora, se até *design* fazemos com as árvores e as bactérias, podemos nos perguntar, então, de modo mais amplo, sobre o que pode ser fazer *design* nesses tempos de turbulência. Com nossos tentáculos reunidos em uma inusitada malha, alcançamos o fundo da Lagoa do Boqueirão e o reservatório de água no alto de um edifício. Assim como as árvores, as bactérias, os protozoários e os cupins, criamos caminhos. Novos começos. Recomeços. Intermediações. Metamorfoses.

Mas, por ora, de mãos dadas com Bergmiller, Haraway e Ingold, deixo de lado essa estória e me acomodo preguiçosamente sob a sombra de uma árvore à beira das lamacentas águas do Boqueirão. Trata-se,

⁹⁸ Pedro Themoteo Alves Corrêa. *Design cultivado: fabricação botânica a partir de podas de goiabeiras para manufatura de produtos de madeira*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPDESDI, 2019.

⁹⁹ Pedro Themoteo; Pedro Biz; Diego Costa. “Design plantado: questões para desenvolvimento do método”. *Anais do 3º Simpósio de Pós-Graduação em Design da Esdi*. Rio de Janeiro: PPDESDI, 2017.

¹⁰⁰ Pedro Z. R. da Costa; Pedro Biz. “Cultivando materiais: o uso da celulose bacteriana no design de produtos”. *Anais do 3º Simpósio de Pós-Graduação em Design da Esdi*. Rio de Janeiro: PPDESDI, 2017.

agora, de um dos abacateiros que tivemos que podar de forma drástica por estarem ociosos, devorados pelos nossos companheiros, os cupins. Curiosamente, logo após a poda, as duas árvores começaram a brotar com força e vigor.

Ao me recostar na árvore, entorpecida pelas emanações miasmáticas que a lagoa insiste em deixar escapar, termino por adormecer ao som da voz de um dos meus companheiros de viagem, que murmura carinhosamente ao pé dos meus ouvidos: “Como devemos defini-la? O que é árvore e o que não é árvore? Onde a árvore termina e o resto do mundo começa? (...) Toda árvore é um nó, e a característica de todos os nós é que seus fios constitutivos são unidos não de ponta a ponta, mas no meio, com extremidades que seguem em busca de outros fios para se ligar. A vida é uma malha”.¹⁰¹ Então, vem, amigo abacateiro, vamos dar um passeio pelo lado selvagem.

¹⁰¹ Tim Ingold. *Correspondence*. Op. cit., p. 34-35. Tradução da autora. No original, “How should we define it? What is tree and what is not-tree? Where does the tree end and the rest of the world begin? [...] Every tree is a knot, and the characteristic feature of all knots is that their constitutive threads are joined not end to end but in the middle, with trailing ends that go in search of other threads to bind with. Life is a meshwork”.

Sobre “índios, negros e pobres” redesenhando *design* a caminho do pluriverso¹⁰²

Em meio aos afetos, em recuperação.

Neste texto retomo os quase 30 anos em que venho participando de uma comunidade acadêmica que se encontra em uma velha escola de desenho industrial situada no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro, região Sudeste do Brasil. Nele, assumo uma perspectiva situada, pautada por uma ética dos afetos. Assim, não se trata de um relato sobre sucessos, resultados ou modelos, nem o foco da atenção recai sobre a distinção de um grupo específico de pessoas. Antes de mais nada, o texto resulta de um empenho em pensar sobre tentativas e experimentos de educação

¹⁰² Parte deste ensaio foi originalmente publicada pela revista *Lugar Comum*. Zoy Anastassakis. “É na luta que a gente se encontra: o encontro de estudantes de design com os pluriversos indígenas na Escola Superior de Desenho Industrial e no Museu do Índio”. *Lugar Comum* n. 54. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019b. ISSN: 1415-8604. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files/mf/156469489013%E2%80%9C%C3%89%20na%20luta%20que%20a%20gente%20se%20encontra%E2%80%9D.%20O%20encontro%20de%20estudantes%20de%20design%20com%20os%20pluriversos%20ind%C3%ADgenas%20na%20Escola%20Superior%20de%20Desenho%20Industrial%20e%20no%20Museu%20do%20C3%8Dnio%20-%20Zoy%20Anastassakis.pdf>.

A convite de Nina Paim e Cláudia Mareis, uma versão deste capítulo será publicada, em inglês, na coletânea de artigos intitulada *Beyond Change: Imagining Design Beyond Precarity, Coloniality, and Patriarchy*.

como uma prática de liberdade.¹⁰³ Para isso, o que interessa é considerar a qualidade dos afetos e relações em jogo nas situações descritas.

Confabulando a partir desses afetos, recupero algumas situações com que deparei na Esdi e reconto estórias de encontros com “índios, negros e pobres” que ali tiveram lugar. A expressão “índios, negros e pobres” foi utilizada pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, vencedora do carnaval do Rio de Janeiro em 2019, para substituir a fórmula “ordem e progresso”, que se encontra na bandeira do Brasil. Com o samba enredo “Histórias para ninar gente grande”, a Mangueira homenageava Marielle Franco, vereadora da cidade do Rio de Janeiro que foi brutalmente assassinada em 14 de março de 2018. Apesar de o termo “índio”, adotado pela Mangueira, ser de uso corrente, optei, aqui, por combiná-lo ao vocábulo “indígena”.

Recuperando esses encontros, com este texto eu busco encontrar ferramentas descritivas que me permitam ao mesmo tempo contar e dar conta dos afetos, protegendo e cuidando, assim, das questões de interesse¹⁰⁴ em jogo nas situações em que, juntos, redesenhando *design*, abrimos trilhas a caminho do

¹⁰³ Paulo Freire. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2005. bel hooks. *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*. Nova York: Routledge, 1994.

¹⁰⁴ Bruno Latour. “Why Has Critique Run Out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern”. *Critical Inquiry – Special issue on the Future of Critique* v. 30, n. 2, inverno de 2004, pp. 25-248.

pluriverso. Quando escrevo “juntos”, então, me refiro a todos com quem partilhei experiências, ou seja, aqueles com quem vivi as histórias contadas aqui. Entretanto, menos que os fatos descritos, interessa a qualidade das relações.

Escrito como um ato político, este texto nasce de uma combinação entre esses afetos e as ideias desenvolvidas junto ao professor Marcos Martins na preparação de um livro sobre nossa experiência conjunta na direção da Esdi entre os anos de 2016 e 2018. Segundo a noção de afeto proposta por Jeanne Favret-Saada,¹⁰⁵ e comentada por Marcio Goldman,¹⁰⁶ aceitar ser afetado pelas situações com que depara não tem a ver com crença ou emoção que escapa da razão, mas com afeto no sentido do resultado de um processo de se deixar afetar pelas mesmas forças que afetam os demais, permitindo, assim, com que um certo tipo de relação possa se estabelecer.

Trata-se, então, de afetos que são suscitados ou revelados em uma experiência vivida da alteridade. Isso não implica uma identificação automática com as perspectivas dos outros, sendo, senão, o resultado de uma aposta na possibilidade de, ao participar se deixando afetar, colocar seu próprio projeto de conhecimento à prova. Para pensar com esses afetos,

¹⁰⁵ Jeanne Favret-Saada. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo* n. 13, 2005, pp. 154-161.

¹⁰⁶ Marcio Goldman. “Jeanne Favret-Saada, os afetos e a etnografia”. *Ibidem*, pp. 149-153.

aciono as noções de agenciamento¹⁰⁷ e pluriverso¹⁰⁸ e as combino para compor as expressões “pluriversos indígenas” e “agenciamentos pluriversais”. Em referência à formulação zapatista de um mundo em que muitos mundos coexistem, um dos expoentes do pensamento decolonial latino-americano, o argentino Walter Mignolo, define pluriverso como “um mundo emaranhado através e pela matriz colonial de poder, então, ele é um modo de pensar e entender que reside no entrelaçamento, nas fronteiras”.¹⁰⁹

A partir dessa formulação, com a expressão “pluriversos indígenas” faço referência, então, aos múltiplos modos de pensamento e compreensão constituídos pelos povos originários, em que as noções de entrelaçamento e transformação se apresentam como componentes recorrentes e fundamentais. Já por “agenciamentos pluriversais” nomeio os processos de diferenciação intersticial levados a cabo não por indivíduos ou grupos fechados e determinados, mas, sim, pelos campos de força¹¹⁰ conformados nas zonas de fronteira¹¹¹ em que ocorrem encontros transformadores como os que comento aqui.

¹⁰⁷ Tim Ingold. “On Human Correspondence”. Op. cit.

¹⁰⁸ Arturo Escobar. Op. cit.; Walter Mignolo. Op. cit.

¹⁰⁹ Idem. Tradução da autora. No original, “world entangled through and by the colonial matrix of power, then, it is a way of thinking and understanding that dwells in the entanglement, in the borders”.

¹¹⁰ Tim Ingold. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Op. cit.

¹¹¹ Tony Fry; Eleni Kalantidou. *Design in the Borderlands*. Londres: Routledge, 2015. Tradução da autora. No original, “borderlands”.

Assim como hábito e atencionalidade, agenciamento é um dos princípios que informam a noção de correspondência formulada por Ingold. Enquanto correspondência “é o processo por meio do qual os seres ou coisas literalmente respondem uns aos outros ao longo do tempo”,¹¹² “hábito (mais do que vontade), agenciamento (mais do que agência), e atencionalidade (mais do que intencionalidade)”¹¹³ são definidos dos seguintes modos: “hábito como ‘fazer experimentando’; agenciamento é um processo em que o ‘eu’ emerge como uma questão; e atenção como um acoplamento ressonante de movimentos simultâneos”.¹¹⁴

Então, “na correspondência dos agenciamentos, não há sujeitos com vontades, nenhum ‘eu’ ou ‘você’ a ser colocado antes de qualquer ação. (...) O agente está dentro do processo da ação, dentro do verbo, e não separado dele”.¹¹⁵ “Um devir [que] não é nem um nem dois, nem a relação entre os dois, mas o que

¹¹² Tim Ingold. “On Human Correspondence”. Op. cit., p. 9. Tradução da autora. No original, “is the process by which beings or things literally answer to one another over time”.

¹¹³ Idem. Tradução da autora. No original, “habit (rather than volition), ‘agencing’ (rather than agency), and attentionality (rather than intentionality)”.

¹¹⁴ Idem. Tradução da autora. No original, “habit as ‘doing undergoing’, agencing as a process in which the ‘I’ emerges as a question, and attention as a resonant coupling of concurrent movements”.

¹¹⁵ Idem. Tradução da autora. No original, “in the correspondence of agencing, then, there are no volitional subjects, no ‘I’s or ‘you’s to place before any action. [...] The agent is inside the process of his or her action, inside the verb, not separate from it”.

está entre”.¹¹⁶ A essa experiência do intervalo, Ingold nomeia de “diferenciação intersticial”.¹¹⁷

O antropólogo colombiano Arturo Escobar propõe “redesenhar o *design* a partir de dentro e de fora”.¹¹⁸ A essa proposta, ele associa a expressão “*designs* para o pluriverso”, que dá título ao livro em que ele formula a noção de *design* ontológico como um meio para se pensar sobre a transição da hegemonia da ontologia universalista moderna para um pluriverso de configurações socionaturais. “Neste contexto, *designs* para o pluriverso se torna uma ferramenta para a reimaginação e reconstrução de mundos locais”.¹¹⁹ Advogando por um *design* autônomo que se afasta de fins comerciais e lucrativos em direção a abordagens mais colaborativas e situadas, Escobar recupera o debate decolonial e a noção de pluriverso, também discutida por Mignolo.

Propondo pluriverso não como um mundo de unidades independentes, mas, sim, como um modo de pensamento e compreensão que habita nos emaranhamento, nas bordas, Mignolo¹²⁰ defende que não

¹¹⁶ Ibidem, p. 18. Tradução da autora. No original, “a becoming [that] is neither one nor two, nor the relation of the two, it is the in-between”.

¹¹⁷ Ibidem, p. 17. Tradução da autora. No original, “interstitial differentiation”.

¹¹⁸ Arturo Escobar. Op. cit., p. 205. Tradução da autora. No original, “redesigning design from within and from without”.

¹¹⁹ Ibidem, p. 4. Tradução da autora. No original, “in this context, designs for the pluriverse becomes a tool for reimagining and reconstructing local worlds”.

¹²⁰ Walter Mignolo. Op. cit.

se trata, então, de perceber as zonas de fronteira enquanto se habita uma epistemologia territorial fixa, o que implicaria aceitarmos um pluriverso que estaria em algum lugar por aí, passível de ser observado de fora. Ao contrário, segundo ele, para se acessar um tal modo de pensamento é preciso habitar as bordas. Não passando pela zona de fronteira para observá-la ou descrevê-la, mas permanecendo nela.

Para Escobar, “as zonas de fronteira são espaços estrategicamente importantes para a reconstrução de uma ética e de uma práxis do cuidado em relação ao que deveria ser projetado, e como”.¹²¹ Citando Fry, ele propõe que “essa deveria ser uma ontologia da reparação de seres e mundos partidos que foram resultado de séculos de projetos desfuturizantes e seus supostos resultados acumulados, o antropoceno”.¹²² A seu ver, “aqui reside a possibilidade e a base para a reconstituição de práticas de *design* em, para e do Sul, não como uma rejeição total do aparato de *design*, mas como seleção crítica e inovação local envolvendo a criação de estruturas de cuidado para a Sustentação”.¹²³ Em

¹²¹ Arturo Escobar. Op. cit., p. 207. Tradução da autora. No original, “the borderlands are strategically important spaces for the reconstruction of an ethics and praxis of care in relation to what ought to be designed, and how”.

¹²² Escobar, 2017, p. 207, tradução da autora. No original, “this would be an ontology of repair of the broken beings and broken worlds that have resulted from centuries of defuturing designing and their alleged accumulated outcome, the anthropocene”.

¹²³ Idem, tradução da autora. No original, “herein lies the possibility of, and ground for, the reconstitution of design in, for and from the South, not as a total rejection of design but as critical selection and local innovation involving the creation of structures of care toward the Sustainment”.

Escobar, então, a contestação ao *design* vem acompanhada de um convite à sua reinvenção. Abdicando da ideia de projetar para alguém que não está lá, uma tal prática de *design* só se realizaria enquanto atenção, encontro, cuidado e cooperação.

Nos termos de Haraway,¹²⁴ só nos tornaremos aptos a enfrentar o que nos ameaça se nos tornarmos, também, capazes de nos transformar por meio de estranhas e arriscadas cooperações, que podem assim constituir novos e efetivos coletivos. Reaprendendo como conjugar mundos com conexões parciais, segundo ela, poderemos nos tornar capazes de cultivar nossas habilidades de resposta a problemas que, afinal, são novos para todos nós.¹²⁵ O desafio consiste, então, em “aprender a viver e a morrer bem uns com os outros em um presente turvo”.¹²⁶ Cultivando juntos essas “artes para viver em um planeta danificado que exige pensamento e ação simpoiéticas”,¹²⁷ podemos aprender a seguir vivendo em ruínas, e assim edificar arquiteturas simpoiéticas insuspeitadas, que nos permitam prosseguir juntos em diferença.

Esse modo simpoiético de pensar e fazer *design* não pretende resolver nenhuma “crise”, nem sequer propõe soluções alternativas. Mas, reivindicando *de-*

¹²⁴ Donna Haraway. Op. cit.

¹²⁵ Ibidem, p. 18.

¹²⁶ Ibidem, p. 1. Tradução da autora. No original, “learning to live and die well with each other in a thick present”.

¹²⁷ Ibidem, p. 67. Tradução da autora. No original, “arts for living on a damaged planet that demand sympoietic thinking and action”.

sign como uma prática de cooperação, experimentação e transformação, vai nos convidando a recuperar a nossa capacidade de viver e morrer bem com a diferença e, assim, corresponder, honrando toda experiência que nos importa, não como nossa, mas como experiência que nos anima.¹²⁸ Ao fazer essa reivindicação, um tal processo de correspondência de agenciamentos¹²⁹ vai criando outras presenças, outros modos de resposta, habitação e construção de mundos, em ressurgência.

Era uma vez, em uma velha escola de desenho industrial. Era uma vez, uma escola em que eu me aborrecia muito. Como já me aborrecera em outras escolas antes. Até aí, nada de novo. Mas, ali, o aborrecimento ganhava outros contornos, talvez mais dramáticos, uma vez que, desde que me matriculei, ali, como aluna, ainda em 1993, todos diziam que aquela era a melhor escola daquilo naquele lugar. Sabe-se lá como, sobrevivi ao curso e à aflição e, ali mesmo, sete anos depois, eu me encontrei formada como desenhista industrial.

Nove anos mais tarde, em 2008, eu iniciava um doutorado em antropologia, em que pretendia problematizar os mitos de origem do *design* no Brasil através das trajetórias e das propostas de Lina Bo Bardi

¹²⁸ Isabelle Stengers. Op. cit.

¹²⁹ Tim Ingold, 2016 “On Human Correspondence”, op. cit.; *Anthropology and/as Education*, op. cit.

e Aloisio Magalhães.¹³⁰ Naquele momento, voltei à Esdi para realizar um estágio de docência acompanhando a professora que, em 1999, fora orientadora do meu projeto de conclusão da graduação.

Havia, então, na escola, uma movimentação diferente da que eu encontrara em meu tempo de aluna. E isso tem a ver com a presença de alunos negros e pobres. Sendo a Esdi uma unidade acadêmica da Uerj, no início da década de 2000 ela teve de aderir ao sistema de cotas sociais e raciais para ingresso em seus cursos de graduação,¹³¹ política afirmativa em que essa universidade foi pioneira. Mas não exatamente porque quisesse. A lei das cotas foi sancionada pelo governo do Estado sem a participação inicial da Uerj. Desde então, ela segue sendo contestada por alguns segmentos da universidade. E, recorrentemente, as condições de sua manutenção e continuidade são postas à prova.

¹³⁰ Anastassakis *Triunfos e impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e o design no Brasil*. Op. cit.

¹³¹ Em 2000, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovou uma lei que reservava 50% das vagas para alunos oriundos de escolas públicas. No ano seguinte, uma nova lei foi aprovada, estipulando que 40% do total das vagas deveria ser reservado para negros, a partir do critério de autodeclaração. Dois anos depois, o processo seletivo foi modificado, passando-se a reservar 20% das vagas para negros, 20% para estudantes de escolas públicas e 5% para deficientes físicos e minorias étnicas. Desses candidatos, também se exigia a comprovação de renda familiar, excluindo-se do processo aqueles cujas famílias pudessem comprovar rendimentos superiores a R\$ 300,00 *per capita*. Em 2007, a lei sofreu outra alteração, incluindo, junto ao percentual de 5% das vagas já reservadas para deficientes físicos e minorias étnicas, também filhos de policiais, bombeiros e agentes penitenciários mortos ou incapacitados em serviço. Dois anos depois, o teto da renda *percapita* bruta familiar foi elevado para um salário mínimo e meio.

Na Esdi, não foi nem é diferente. Alguns professores não escondem seu desconforto com a presença de cotistas na escola, e os mais variados argumentos têm sido acionados para desqualificar sua presença e rendimento acadêmico. Contudo, assim como nos casos de ataque às religiões de matriz africana comentados por Goldman e Flaksman, percebo que, na Esdi, também, “como costuma acontecer com frequência no caso brasileiro, esse preconceito e esse racismo não se autoneameiam e funcionam sem mencionar cores e raças, sempre substituídas por pseudouniversais”.¹³²

Um ex-aluno cotista comenta um episódio em que, em sala de aula, uma professora confessou ter dificuldade de dar aulas para estudantes que não tinham livros de arte em casa e que, mesmo com mais de 18 anos, não conheciam o MOMA, em Nova York. Na perspectiva desse ex-aluno, episódios como esse demonstram que, ainda hoje, mais de dez anos após a implementação do sistema de cotas, alguns professores ainda não têm repertório para lidar com alunos como ele, negros, pobres, favelados.

O que se coloca para esse ex-aluno como carência da professora, a saber, a ausência de repertório, é o tema

¹³² Marcio Goldman, Clara Flaksman. “Tentativa de criminalizar práticas de sacrifício religioso é preconceituosa”. *Época*, 17/4/2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tentativa-de-criminalizar-praticas-de-sacrificio-religioso-preconceituosa-artigo-23606318?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar>. Acesso em: 18/4/2019.

da acusação lançada por ela, que aponta para o que, em sua perspectiva, seria carência deles, alunos cotistas, e não dela, professora. Contudo, enquanto ela se sente autorizada a falar, sem constrangimento nem curiosidade em relação ao repertório que ele e seus colegas trazem consigo, dos cotistas se espera o silêncio.

Em muitas outras situações como essa, é curioso notar como os valores de universalidade e igualdade, tomados como fins e meios do ensino formal, são acionados não para agregar, mas para repelir aqueles que não se enquadram ou não se submetem aos padrões elitistas que informam a universidade. Esse é o caso da própria lei¹³³ que facultou a negros e pobres o acesso às universidades públicas no Estado do Rio de Janeiro, sustentada pelos princípios de igualdade e universalidade. Muitas das vezes, em vez de garantir o acesso, eles terminam por servir de argumento para ações que, na prática, dificultam, e até mesmo impedem, o acesso e a permanência de cotistas nessas instituições de ensino.

No final de 2011, após a conclusão do doutorado, participei de um concurso público e fui aprovada como docente da Esdi na área de conhecimento “*design*, cultura e sociedade”. Já se iam, então, dez anos desde a implementação do sistema de cotas na Uerj.

¹³³ Para a íntegra da lei de cotas vigente no estado do Rio de Janeiro, consultar: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/c8aa0900025feef6032564e-c0060dfff/1b96527e90c0548083257520005c15df?OpenDocument>.>
Acesso em: 18/04/2019.

Definitivamente, naquele momento, aquele era um outro lugar, muito mais interessante, porque muito menos composto da gente deveras assemelhada que, até então, formava o corpo de alunos da escola: em sua maioria brancos, filhos de famílias de classe média, que tiveram acesso à educação “de qualidade”, como era o meu caso.

Ao retornar àquele lugar, eu não me via voltando para a mesma escola em uma condição diferente, antes aluna, agora professora. Sendo eu já uma outra, regressava a um também outro lugar, agora transformado. Esse sentimento era o que me instigava a voltar. Era como se, colaborando com a transformação da vida acadêmica naquele lugar, eu pudesse transmutar a minha própria experiência como aluna ressentida com o elitismo, que nunca deixou de ser tema de exaltação por grande parte do corpo docente, que parecia acreditar que ali se formava uma elite intelectual redentora da pátria, que seria responsável por viabilizar, por meio do *design*, o planejamento rumo ao desenvolvimento. Muito distante desses sonhos desenvolvimentistas, era com alegria¹³⁴ e esperança que eu retornava. Afinal, me parecia que as coisas já não tinham como permanecer iguais. Não apenas ali, mas em todo o Brasil.

¹³⁴ Isabelle Stengers. *Au temps des catastrophes. Résister à la barbarie qui vient*. Paris: La Découverte, 2009.

Convivendo em diferença: estórias de oposição e reinvenção.

Em 2002, foi eleito para a presidência da República um candidato que nasceu pobre. Nordestino, que, junto à sua família, emigrou do interior de Pernambuco para a industrializada São Paulo, sem formação de nível superior, oriundo do movimento sindical na indústria automobilística, fundador do Partido dos Trabalhadores (PT). Em seu governo, Luiz Inácio Lula da Silva investiu em um conjunto de políticas de reparação da desigualdade social.

A partir de 2002, o PT se manteve na presidência por mais de dez anos, primeiramente com Lula, que foi substituído por Dilma Rousseff, deposta em um golpe em 2016. Dois anos depois, em 07 de abril de 2018, Lula foi preso em decorrência de um controverso processo em que ele era acusado de corrupção e lavagem de dinheiro. Processo que, para muitos, foi politicamente motivado. Alguns dias antes da sua prisão, em um ato em homenagem a Marielle Franco, vereadora da Cidade do Rio de Janeiro assassinada em 14 de março, ele declarou:

É importante lembrar que em apenas doze anos nós colocamos na universidade a mesma quantidade de alunos que eles levaram quase cem anos para colocar, nesse país. (...) É uma bobagem eles acharem que, me tirando do jogo, está resolvido o problema deles. O problema deles não sou eu. O problema deles são vocês, que não querem mais ser tratados como gado.

Vocês querem ser tratados como gente, vocês não querem mais permanecer apanhando, não querem mais ser coadjuvantes, mas, sim, sujeitos da história.¹³⁵

Logo em seguida, Lula confessou estar convencido de que “a diferença” viria da geração de pobres que teve acesso à universidade a partir das políticas públicas para a educação criadas em seu governo, sob a coordenação do então Ministro da Educação, Fernando Haddad, candidato à presidência derrotado nas eleições presidenciais de 2018. Foi essa “diferença” comentada por Lula o que eu senti ao retornar àquela escola, em 2012.

Em 2015, era tempo de eleição para a reitoria e os gabinetes de direção nas unidades acadêmicas da Uerj. Nesse processo eleitoral, tem direito a voto toda a comunidade acadêmica, estudantes, professores, *staff*. Eu me encontrava em licença-maternidade quando recebi um e-mail do então diretor convocando os professores a encaminhar a questão da formulação de uma chapa para a direção, pois até aquele momento, expirado o prazo para o lançamento de candidaturas, na Esdi, ninguém se candidatara. Nos encontramos nos dias seguintes, para estudar alternativas para a questão. Propus que avaliássemos a possibilidade de descentralizar as tarefas de adminis-

¹³⁵ Dias antes de ser levado para a prisão, Lula participou de um evento que, no dia 2 de abril de 2018, reuniu os partidos progressistas, no Circo Voador, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rn266y6WbwM>>.>

tração, compartilhando a responsabilidade pela direção. Alguns colegas se prontificaram a contribuir com essa proposta, mas, ainda assim, ninguém propôs uma candidatura.

Por fim, eu e o professor Marcos Martins, que coordenava um processo de revisão curricular em vias de implementação, decidimos apresentar uma chapa. Parecia-nos que essa implementação estaria prejudicada sem um gabinete de direção comprometido com as mudanças ali propostas, que não se limitavam a aspectos pedagógicos, associando a eles um forte componente político, que tinha a ver exatamente com a atualização do curso perante os novos tempos e às recentes configurações do corpo discente.

A reforma curricular que estávamos em vias de implementar se baseava na ideia de que o curso da Esdi não poderia mais ignorar as diversas perspectivas do campo profissional de *design* na contemporaneidade e, tampouco, as questões que envolvem a inserção do alunado da escola nas dinâmicas e rotinas do curso e, conseqüentemente, no mercado de trabalho. Em razão disso, entendíamos, era preciso atualizá-lo. Não em termos ideais ou segundo valores universais. Contrariamente, em busca de alterações situadas, possíveis e viáveis, que dialogassem com as questões daquela comunidade acadêmica, naquele momento e naquele local.

Esse não foi um processo pacífico, consensual, tampouco, organizado em torno de ideias sobre *design* e educação. Foi resultado de muito debate e negociação

tensa entre alunos, professores e o Departamento de Orientação e Supervisão Pedagógica da universidade. Abrindo o processo à participação de todos a partir de uma dinâmica de trabalho em pequenos grupos que se alternavam, proposta por Marcos, conseguimos concluir a reformulação curricular que se arrastava há mais de dez anos.

Foi em torno do compromisso com essa reforma que eu e Marcos montamos a chapa, nos candidatando à direção. Assumimos o cargo como uma dupla que compartilharia os processos, e não como diretora e vice-diretor que se dedicariam, cada um, a um conjunto distinto de questões. No dia da nossa posse, teve início uma greve que se estendeu por seis meses, período a que se seguiu um ano e meio de instabilidade, uma vez que o governo do Estado, único mantenedor da Uerj, passou a atrasar, parcelar e suspender o financiamento necessário para o pagamento de salários e bolsas e para a manutenção de instalações e atividades acadêmicas. O corte não atingiu somente a Uerj, mas, também, diversos outros segmentos do serviço público, incluindo o pagamento de salários dos aposentados.

Na Esdi, em reação a essa situação, demos início a uma série de experimentações coletivas para evitar o fechamento da escola. Desse empenho colaborativo partilhado entre direção e estudantes surgiu uma série de iniciativas que transformaram aspectos importantes da vida escolar. De forma bastante intensa, elas punham em xeque as noções de hierarquia, autoria e

projeto.¹³⁶ Afinal, resultavam de agenciamentos pluriversais abertos e negociados entre muitos, em que não interessava definir indivíduos ou grupos responsáveis pelas ações, mas, sim, cada vez mais, assumir o caráter emaranhado das realizações, ampliando a zona fronteira em que não faz mais sentido identificar quem é quem na malha de linhas emaranhadas.¹³⁷

Esse é um caráter fundamental das transformações que experimentamos entre 2016 e 2018, na Esdi: nós estávamos fortemente empenhados em romper as barreiras entre os papéis estabelecidos que distinguem funcionários, professores e alunos. O que experimentamos com essas iniciativas não transformou as estruturas hierárquicas ali instituídas. Contudo, por meio delas, terminamos por abrir espaço para recomposições na ecologia da vida naquele lugar, uma vez que nosso modo de agir convidava a uma mudança de atitude, nos instigando a reconsiderar a concepção bancária de educação¹³⁸ que coloca professores como fornecedores e estudantes como receptores, ou consumidores, de um “serviço”.

¹³⁶ Sobre essas iniciativas e suas implicações, ver Zoy Anastassakis, : “How Can We Correspond to a Time of Ruins, from Within the University? Openings, Occupations and Resurgences on a Brazilian Design School”, op. cit.; “Remaking Everything: The Clash Between Bigfoot, the Termites and Other Strange Miasmatic Emanations in an Old Industrial Design School”, op. cit.; “É na luta que a gente se encontra: o encontro de estudantes de design com os pluriversos indígenas na Escola Superior de Desenho Industrial e no Museu do Índio”, op. cit. Anastassakis e Marcos: “Smoke Signals from Brazil”, op. cit.

¹³⁷ Tim Ingold. “On Human Correspondence”. Op. cit.

¹³⁸ Paulo Freire. Pedagogia do oprimido. Op. cit.

Transgredindo essa lógica, nós convidamos a todos para agir como habitantes daquele lugar, o que nos fez a todos corresponsáveis pelo que acontecia ali. Em diálogo com bell hooks,¹³⁹ Grada Kilomba¹⁴⁰ (2019) relaciona oposição e reinvenção. Na Esdi, não estávamos apenas nos opondo ao governo ou a uma concepção bancária de educação. Ao mesmo tempo, estávamos tentando reinventar a ecologia da vida na escola. Como ninguém quis assumir a diretoria da instituição, nos vimos diante da necessidade de nos tornar coletivamente responsáveis pela gestão de nossa presença ali.

Não que todos concordassem ou participassem. Muitas vezes éramos muito poucos, e uns tantos outros faziam questão de manifestar o incômodo que sentiam ao ver a escola sendo gerida daquela maneira, cooperativa. Mesmo assim, buscamos agir de modo transparente e aberto, sempre em contato com a comunidade escolar e com a administração central da universidade.

Para isso, fazíamos chamadas abertas, nos comprometendo a colaborar com todos os que a isso se dispusessem. Investíamos, não sem dificuldade, na produção de um lugar comum em que muitos mundos pudessem coexistir.¹⁴¹ Lugar que, de modo algum, é fruto do encontro entre pessoas que pensam

¹³⁹ bell hooks. Op. cit.

¹⁴⁰ Grada Kilomba. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast, 2018.

¹⁴¹ Walter Mignolo. Op. cit.

e agem de um mesmo modo. Ao contrário, esse é o resultado difícil, mas possível e, sobretudo, necessário, de uma produção coletiva de espaços para convivência em diferença.¹⁴²

Voltemos à “diferença” instituída pela política de cotas na Uerj que, de modo mais amplo, foi tematizada por Lula na fala antes de sua prisão: se ela amplia o espectro da “diferença” na universidade, entendo que, como parte de comunidades acadêmicas, passa a ser nossa, também, a responsabilidade de atuar para ampliar cada vez mais os espaços para a convivência em diferença nesses lugares. Torna-se, assim, a universidade, um ambiente profícuo para uma experimentação na produção em comum,¹⁴³ que seja constituída por meio de agenciamentos pluriversais.

Contudo, não há nada garantido em processos como esses. Nem é de um dia para o outro que conseguiremos promover mudanças nas universidades e escolas de *design*, instituições rígidas que nascem de um continuado empenho moderno e eurocentrado para a difusão da monocultura ocidental. Mas, como defende o samba-enredo da Mangueira: “Brasil, meu nego, deixa eu te contar a história que a história não conta, o avesso do mesmo lugar. Na luta é que a gente se encontra”.¹⁴⁴

¹⁴² Donna Haraway. Op. cit.

¹⁴³ Tim Ingold. *Anthropology and/as Education*. Op. cit.

¹⁴⁴ G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. Samba-enredo 2019 Histórias para ninar gente grande. Disponível em: <www.mangueira.com.br/carnaval-2019/enredo>. Acesso em: 15/4/2019.

Essa luta, me parece, diz respeito à reivindicação e à experimentação na produção em comum¹⁴⁵ no pluriverso. Pluriverso entendido aqui não como um lugar que se almeja alcançar, mas, sim, como um modo emaranhado de pensar e compreender¹⁴⁶ que, resultando de processos de correspondência,¹⁴⁷ nos lança em direção a um mundo em que muitos mundos coexistem, vivendo juntos em diferença.¹⁴⁸

Redesenhando design no pluriverso.

Agora, gostaria de propor um desvio para confabular sobre alguns outros encontros que me afetaram profundamente. Eles ampliaram, ainda uma vez mais, as zonas de fronteira em que diversos mundos coexistiram em diferença, multiplicando o conhecimento pluriversal¹⁴⁹ em trânsito na Esdi. Dessa vez, reconto alguns encontros entre estudantes da escola, muitos deles negros e pobres, e pesquisadores e artistas indígenas e negros.

No início de 2017, fui procurada por duas alunas, que retornavam para a escola como estudantes de pós-graduação para repensar, nas pesquisas, as suas atuações como *designers* no Museu do Índio.¹⁵⁰ Entre

¹⁴⁵ Timm Ingold. *Anthropology and/as Education*. Op. cit.

¹⁴⁶ Walter Mignolo. Op. cit.

¹⁴⁷ Tim Ingold. “On Human Correspondence”, op. cit.; Correspondence, op. cit.

¹⁴⁸ Donna Haraway. Op. cit.

¹⁴⁹ Walter Mignolo. Op. cit.

¹⁵⁰ Vinculado à Fundação Nacional do Índio Funai e ao Ministério da Justiça, dedica-se à preservação e à promoção do patrimônio cultural in-

elas, Simone Mello, responsável por grande parte das mostras e publicações realizadas pelo Museu, onde a ela se reuniu uma série de outros *designers*, como Priscilla Alves de Moura, que atuava na organização de uma coleção de publicações voltadas a escolas indígenas de diferentes etnias e regiões do país.

A partir da aproximação com as questões lançadas por elas, no Laboratório de *Design* e Antropologia, grupo de pesquisa coordenado por mim, organizamos uma série de seminários e debates a fim de explorar abordagens alternativas para colaborações entre estudantes e pesquisadores de *design* e pesquisadores e artistas indígenas. O que terminou por resultar na formulação de um projeto de extensão que visava ampliar essas colaborações.

Em paralelo ao projeto “Correspondências”, junto ao professor Ricardo Artur Carvalho nos aproximamos da direção do Museu, que estava interessada em ampliar o escopo de atuação de *designers* ali. A partir dessas conversas, propusemos realizar um curso de *design* nas suas instalações. Com duração de dois semestres letivos, o curso envolveu 40 estudantes de

dígena no país. Como tal, realiza projetos de pesquisa e divulgação científica orientados para documentação e comunicação da diversidade existente entre as centenas de grupos indígenas brasileiros. Criado em 1953 pelo antropólogo Darcy Ribeiro, tem sob sua guarda amplo acervo etnográfico e documental. Além de organizar mostras e exposições, o museu atua na publicação de material didático e paradidático e na documentação das línguas indígenas, bem como na divulgação das culturas indígenas entre professores e estudantes da rede de educação básica. Para dar conta dessas tarefas, vem engajando designers, entre eles alunos e ex-alunos da Esdi.

graduação e seis alunos de pós-graduação, que se dedicariam a pesquisas e projetos a partir da convivência com pesquisadores indígenas e não indígenas nos espaços do Museu.

Esse curso teve sua primeira etapa realizada ao longo de 15 semanas entre agosto e dezembro de 2017, com dois encontros semanais de quatro horas cada um. No semestre seguinte, manteve-se a configuração. Em um primeiro momento, nosso objetivo era aproximar os estudantes da instituição e sua equipe, mas, também, das questões relativas aos povos originários do Brasil. Por isso, conversamos não somente com funcionários do Museu, mas com artistas e pesquisadores indígenas, não necessariamente a ele vinculados.

Os alunos também entraram em contato com textos e pesquisas produzidos por pensadores indígenas e por antropólogos e se debruçaram sobre a base de dados e o acervo do Museu. Como resultado, produziram desenhos, infográficos, um pequeno artigo e um relatório de pesquisa em que especulavam sobre futuros projetos de *design* que pudessem ser desenvolvidos no próximo semestre letivo, com início em abril de 2018.

Com esses projetos, nosso objetivo não era atender às demandas e necessidades do Museu, o que não deixava de ser uma possibilidade, mas, também, projetar alternativas ou, até mesmo, contestações, apontando, assim, para outros caminhos possíveis para a comunicação da/na/a partir da instituição. Assim, nos lan-

çamos ao desafio de atuar no Museu, com o Museu, para ou para além do Museu e, até mesmo, se preciso fosse, contra o Museu.

Aqui, não interessa apresentar os resultados nem os processos de projeto desenvolvidos. Diferentemente, a partir dos nossos encontros com os pluriversos indígenas naquele período, o que pretendo é confabular sobre rotas de fuga possíveis para as armadilhas colocadas pelo *design*,¹⁵¹ abrindo caminho para o debate sobre um *design* de transição.¹⁵²

Design é entendido, aqui, como meio em que são produzidas relações e compartilhados afetos. Assim, é a qualidade desses afetos e relações que interessa discutir. Para isso, retorno a Escobar: “como projetar sem instrumentalizar as relações, especialmente sem lançar essas relações em direção a um modo objetificante e individualizado de hierarquia e controle?”¹⁵³.

Confabulando com “índios, negros e pobres” na pluri-versidade.

Em meio aos agenciamentos pluriversais produzidos com o encontro de estudantes da Esdi com os pluriversos indígenas na Esdi e no Museu do Índio, emergem as seguintes questões:

¹⁵¹ Tim Ingold. *Making: Anthropology, Archeology, Art and Architecture*. Op. cit., em referência a Vilém Flusser, 1995.

¹⁵² Arturo Escobar. Op. cit.

¹⁵³ *Ibidem*, pp. 214-215. Tradução da autora. No original, “how to design without instrumentalizing relations (especially without pushing these relations further into an objectifying and individualized mode of hierarchy and control)?”.

I. Assim como muitos de nós, os estudantes que participaram do curso no Museu do Índio não tinham plena consciência da existência de povos indígenas na contemporaneidade. Afinal, a “História” oficial insiste em apagar as histórias dos povos originários, que desde o início do processo de colonização europeia nas Américas vêm sendo ininterruptamente massacrados, invisibilizados e silenciados.

Notando o “espanto” de nossos alunos ao perceber a contemporaneidade da presença indígena no Brasil, decidimos investir parte do tempo apresentando materiais que apoiassem sua aproximação com o Museu e com os pesquisadores e artistas indígenas com que travamos contato. Isso nos levou a dedicar mais tempo discutindo textos e conversando do que pensando especificamente em termos de *design*.

Contudo, após cada um dos encontros e leituras, convidávamos os alunos a devolver visualmente suas apreciações sobre os temas abordados. Assim, por meio de desenhos, colagens, diagramas e infográficos, transformamos a sala de aula em um espaço de discussão. Foi, então, por meio de produção e debate em torno de imagens que, juntos, fomos nos aproximando não somente dos pluriversos indígenas, mas, também, do pensamento antropológico.

II. Ao perceber a existência dos povos indígenas e a violência que os afeta, alguns alunos passaram a questionar suas próprias realidades, percebendo-se diversos e distintamente situados em meio ao conjunto do

corpo discente. Em alguns momentos, esse processo se manifestou de modo catártico: discutindo os impasses e as violações de direitos que atingem “índios, negros, e pobres” na Esdi, na Uerj, e em nosso país, nos deixamos emocionar, terminando por envolver, nos debates, as nossas histórias de vida, bem como nossas dores e sofrimentos.

Num desses dias, reunidos em torno de uma grande mesa sobre a qual os alunos haviam colocado autorretratos produzidos a partir da leitura do artigo “Os Involuntários da Pátria”, do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro,¹⁵⁴ alguns deles compartilharam histórias de momentos em que se perceberam como vítimas de discriminação e preconceito sociorracial. Ao contar e ouvir aqueles depoimentos, muitos de nós chorávamos copiosamente. Eu tentava conduzir a sessão para um encerramento e, mesmo profundamente emocionada, me empenhava em apoiar os alunos que se abriam de um modo que eu nunca antes presenciara em sala de aula.

Naquele exato momento, na sala em frente, um professor assediava moralmente os estudantes cotistas, questionando suas capacidades de rendimento acadêmico, ao proclamar que eles não eram aplicados, não se esforçavam e não conseguiam entregar bons trabalhos. Naquela semana, dois representantes dos alunos procuraram o professor, solicitando que episódios como aquele não se repetissem.

¹⁵⁴ Eduardo Viveiros de Castro. “Os involuntários da pátria”. Op. cit.

Em consulta ao Departamento de Orientação Pedagógica da universidade, fomos informados de que, para dar andamento ao caso, era preciso que os alunos que se sentissem assediados encaminhassem uma reclamação formal ao Conselho Departamental da escola. Os representantes dos alunos reuniram diversos depoimentos sobre casos de discriminação e assédio moral em relação não somente aos cotistas, mas, também, a mulheres e LGBTs, vindos não apenas daquele professor. Entretanto, nenhum estudante chegou a formalizar uma queixa, o que inviabilizou o encaminhamento da situação.

Para ampliar a discussão em torno desse embate, convidamos a historiadora Ynaê Lopes dos Santos, especialista em história da escravidão nas Américas, que também investiga o ensino de história da África e das relações étnico-raciais no Brasil, a ministrar a aula inaugural do ano letivo. Nessa ocasião, ela nos apresentou outros modos de perceber o Rio de Janeiro, e as assimétricas relações étnico-raciais forjadas pela economia do mercado escravagista, que definiu um modo segregacionista de produção de espaços e socialidades nesta cidade, que, até a década de 1960, foi a capital-federal do país.

Ao fim da palestra, após longos aplausos, os alunos fizeram perguntas sobre os mais variados temas, como racismo e preconceito, e os silenciamentos e as invisibilidades que eles produzem, seja em relação a personagens fundamentais na história das artes e da arquitetura no Brasil, seja em suas dimensões

contemporâneas, o que nos levou a falar sobre o ex-presidente norte-americano Barack Obama e sobre o filme *Black Panther* de Ryan Coogler (2018). Naquela ocasião, a vereadora Marielle Franco ainda não havia sido assassinada.

III. Descobrimos que eram distintos entre si e, sobretudo, diferentes do ideal de estudante de *design* forjado naquela escola, os alunos terminaram por debater sobre o desejo e a necessidade de atuar profissionalmente de outros modos, como *designers* que correspondem às questões que afetam a eles e àqueles para quem ou com quem eles interagem.

Nesse ínterim, é preciso salientar que, assim como a Esdi, em 2016, no contexto pós-golpe de Estado que depôs a então Presidente da República Dilma Rousseff, o Museu do Índio se encontrava em situação de enorme fragilidade. Com o desmonte de uma série de políticas sociais no país, e o fortalecimento de grupos ligados ao agronegócio e à exploração predatória de recursos naturais junto às esferas decisórias do governo federal, fenômeno que antecede em muito o próprio golpe, a defesa e salvaguarda dos povos indígenas e sua cultura encontrava-se cada vez mais ameaçada.

Logo, naquele momento, atuar como alunos da Esdi no Museu implicava também uma associação ao movimento de resistência dessas duas instituições. Mas, é preciso salientar, e estávamos conscientes disso, que atuar no museu não é a mesma coisa que agir

com ou em prol dos povos indígenas. Considerar qualquer projeto de *design* naquela situação passou a implicar, então, avaliações críticas sobre as condições, os limites e as possibilidades de uma atuação profissional em *design* que fosse engajada e comprometida não somente com instituições, mas, sobretudo, com as questões de interesse que afetam aqueles para e com quem se projeta.

Não buscando atender a demandas, tampouco praticar *design* em termos comerciais, nos aproximamos da noção de *design* ontológico formulada por Escobar, que defende *design* como um meio para se pensar sobre a transição da hegemonia da ontologia universalista moderna para um pluriverso de configurações socionaturais. Nesse sentido, uma ferramenta para a reimaginação e reconstrução de outros mundos possíveis.

Ao considerar as possibilidades de projeto, percebemos que não havia como escapar ao debate sobre as implicações éticas e políticas da prática de *design*. A quem e ao que respondem os *designers* com as alternativas por eles levantadas? A quem e ao que cada um deles estaria correspondendo, ao optar por uma determinada possibilidade de projeto? Vale a pena pensar em termos de *design* quando se trata de enfrentar “as lutas por autonomia das comunidades e coletivos”¹⁵⁵?

¹⁵⁵ Arturo Escobar. Op. cit., p. 213. Tradução da autora. No original, “as struggles for autonomy by communities and collectives.”

IV. Ao abrir tempo e espaço para debater essas questões, terminamos por provocar uma espécie de suspensão nas expectativas do Museu, que esperava receber, de nossa parte, menos perguntas, e mais respostas. Ao nos permitir suspender a necessidade de resposta na forma de projetos de *design*, colocando novas questões a cada encontro com a equipe do Museu, abrimos espaço para a possibilidade de transformação de nossos modos de atuar como *designers* e, complementarmente, para a alteração dos papéis do *design* naquela instituição.

Aos funcionários do Museu, familiarizados com a presença de *designers*, lançamos outros convites, não tanto para organizar e apresentar conteúdos reunidos por eles, mas, sobretudo, para que, juntos, especulássemos sobre o que pode um grupo de *designers* fazer em um museu como aquele. Ao provocar esse deslocamento, estávamos todos experimentando fazer *design* nas bordas,¹⁵⁶ no limite, transgredindo barreiras e normas que apartam pesquisa, engajamento, afeto e projeto.

Buscando escapar às armadilhas colocadas pelo *design*, questionamos a crença moderna e eurocentrada que percebe *design* como salvador da pátria, para assumir uma abordagem pluriversal em que “*design* não transforma o mundo, antes ele é parte de um mundo em transformação”.¹⁵⁷ Em meio a esse

¹⁵⁶ Tony Fry; Eleni Kalantidou. Op. cit.

¹⁵⁷ Caroline Gatt; Tim Ingold. “From Description to Correspondence:

processo de tantas transformações, estabelecemos relações com cineastas, *designers*, antropólogos, arquitetos, artistas e professores indígenas, como Alberto Alvares, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Francys Fontes, Ibã Sales Huni Kuin, Inê Kuikuro, Jaider Esbell, Sandra Benites e Wally Kamayurá.

Ao mesmo tempo, ainda em 2018, recebemos, na Esdi, Maria Eni Moreira, Makota Arrungindala, e seu companheiro, Luiz Ângelo da Silva, Ogã Bangbala, com quem a estudante de doutorado Ilana Paterman Brasil realizou um conjunto de filmes. Naquela ocasião, Ilana apresentou sua última colaboração,¹⁵⁸ um filme animado a partir do registro videográfico das danças de orixá performadas por Arrungindala, que, além de dançar ao som dos atabaques tocados por Bangbala, ali narrava sua sofrida história de vida. Como nunca acontecera antes na Esdi, o auditório ficou lotado com uma plateia em que se misturavam alunos, professores e o povo de terreiro que vinha prestigiar essas duas importantes figuras do Candomblé no Rio de Janeiro. Ao final da sessão, os atabaques ocuparam a sala com música, e dali saiu um cortejo a que se reuniu o coletivo percussivo Baque Mulher.

Anthropology in Real Time”. n: Wendy Gunn; Ton Otto; Rachel Charlotte-Smith (eds.) *Design Anthropology: Theory and Practice*. Londres: Bloomsbury, 2013, p. 146. Tradução da autora. No original, “design does not transform the world, it is rather part of the world transforming itself”.

¹⁵⁸ Ilana Paterman Brasil; Zoy Anastassakis. “Il faut danser, en dansant. Essai de fabulation spéculative”. *Multitudes* v. 70. Paris, primavera de 2018, pp. 202-209.

Alguns meses antes, foi o professor Ibã Sales Huni Kuin quem nos convidou a cantar e dançar nos espaços da escola. Em três momentos distintos, entre 2016 e 2017, o fundador do Movimento dos Artistas Huni Kuin (Mahku) ministrou oficinas de canto, desenho e pintura, nos convidando a mergulhar na cosmologia Huni Kuin, em que a produção de imagens guiadas pelo canto é um conhecimento ancestral transmitido a esse povo pela jiboia. Nessas ocasiões, levados pelo canto de Ibã, vários dos participantes experimentaram estados de miração, como dizem os Huni Kuin, vislumbrando, por meio da música, caminhos que levam ao pluriverso.

Sonhando na borda.

Se é preciso encerrar, lanço aqui o meu sonho. Confabulando por meio da produção de afetos reais e de alianças com “índios, negros e pobres”, eu reivindico a educação como prática de liberdade.¹⁵⁹ Abrindo caminhos em direção ao pluriverso, acredito, também, que é possível transformar a universidade em pluriversidade, e a prática de *design* em uma ferramenta de transição entre a hegemonia da ontologia universalista ocidental e o pluriverso das configurações socionaturais. Emaranhados no pluriverso, juntos em nossas diferenças, podemos, então, refazer mundos que, como diz o samba de Mangueira, não estão no retrato.

¹⁵⁹ bell hooks. Op. cit.

Agradecimentos

No primeiro ensaio deste volume, reelaborei alguns argumentos desenvolvidos em parceria com Marcos Martins, com quem codirigi a *Esdi* entre março de 2016 e dezembro de 2018. A partir de um convite de John Walters, editor da *Eye Magazine*, publicamos um artigo sobre os modos com que, na *Esdi*, ensaiamos responder à situação de precariedade a que foi submetida a Uerj.¹⁶⁰ Em seguida, ainda em 2017, a convite de Tim Ingold, eu tive oportunidade de expandir a discussão sobre a *Esdi Aberta*, preparando uma primeira versão deste texto, que faria parte de uma coletânea sobre simbioses arquitetônicas, organizada por ele e Julien Dugnoille. Entre abril e maio de 2018, como pesquisadora convidada, participei das atividades de pesquisa no âmbito do projeto *Knowing from the inside: Anthropology, Art, Architecture and Design (KFI)*, coordenado por Ingold no Departamento de Antropologia da Universidade de Aberdeen, Escócia. Ao longo do tempo em que me dediquei à escrita deste trabalho, entre 2017 e 2019, e com mais intensidade durante os períodos que passei em Aberdeen ao longo desses três anos, o Prof. Ingold leu, comentou e revisou o texto com atenção, o que contribuiu imen-

¹⁶⁰ Zoy Anastassakis; Marcos. “Smoke Signals from Brazil”. Op. cit.

samente para o seu desenvolvimento. Desse esforço de escrita, resultaram três artigos já publicados.¹⁶¹ Eu agradeço a cada uma das pessoas anteriormente mencionadas, por abrirem caminhos para que eu pudesse me lançar à aventura de escrever sobre o que estávamos vivendo na Esdi enquanto tudo estava ainda em movimento. Além deles, eu gostaria de agradecer a Raquel Noronha, companheira em tantos desses momentos; Frederico Duarte, que, ainda em 2017, levou o debate sobre a Esdi para Lisboa e que, em seguida, nos colocou em contato com John Walters; Marcos Martins pela parceria; Carlinhos, por estar sempre cuidando de tudo e de todos; Lucas Nonno, que me mostrou muitos outros modos de perceber aquele lugar; Juliana Paolucci e Daniel Rocha, por toda a força; todos os alunos e ex-alunos da Esdi pela energia que eles movimentaram na *Esdi Aberta*; André Aranha, Carolina Correa dos Santos, Domenico Lancelotti, Letícia Carvalho, Pedro Luiz Pereira de Souza e Sílvia Steinberg, pelas leituras e comentários; Mariana Chianca, pelo apoio durante o processo de escrita; todos os meus alunos de graduação e pós-graduação, que, em diversos momentos, leram e comentaram o texto; e àqueles que participaram nos seminários e

¹⁶¹ Anastassakis. “How Can We Correspond to a Time of Ruins, from Within the University? Openings, Occupations and Resurgences on a Brazilian Design School”, op. cit.; “Remaking Everything: The Clash Between Bigfoot, the Termites and Other Strange Miasmatic Emanations in an Old Industrial Design School”, op. cit.; “É na luta que a gente se encontra: o encontro de estudantes de design com os pluriversos indígenas na Escola Superior de Desenho Industrial e no Museu do Índio”, op. cit.

conferências em que apresentei versões preliminares deste trabalho:

1) *Entremeios em tempos de turbulência*, organizado por Barbara Szaniecki e por mim no Rio de Janeiro, em novembro de 2017; 2) *SMARTIE*, organizado por Els Lagrou, Marco Antonio Gonçalves, Tatiana Bacal e Wagner Chaves no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/IFCS/UFRJ), Rio de Janeiro, em abril de 2018; 3) *A Confluence of ways: Design, Anthropology and Artistic Practices*, organizado por Caroline Gatt e Valeria Lembo em Aberdeen, maio de 2018, como parte do projeto KFI; 4) grupo de trabalho *Antropoéticas: outras (etno) grafias*, na Reunião Brasileira de Antropologia, em Brasília, em dezembro de 2018. Uma versão em inglês deste trabalho foi publicada pela revista *Vibrant*, v. 16, em maio de 2019.

O segundo ensaio é dedicado a Jonathan Nunes de Souza, que, desde que voltei para a Esdi, abriu os meus olhos e me pegou pela mão; e a Bruna Fernandes Farias Pereira, que, com força e delicadeza, consegue abrir clareiras e atravessar as matas mais cerradas. Agradeço imensamente a Alberto Alvares, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Francly Fontes, Ibá Sales Huni Kuin, Inê Kuikuro, Jaider Esbell, Sandra Benites e Wally Kamayurá, com quem aprendi tanto; a Idjahure Kadiwel, que soprou nos meus ouvidos o mote para o projeto “Correspondências”; a Simone Melo e Priscilla Alves de Moura, por aproximar a Esdi

e o Museu do Índio; a Carlos Levinho, Ione Couto e Elena Guimarães, por abrir as portas do Museu do Índio aos alunos da Esdi; a Ricardo Artur Carvalho, parceiro de aventuras na Esdi e no Museu; a Aparecida Vilaça, pela generosidade em compartilhar com os alunos, em sala de aula, as suas experiências de campo, que nos contam da força de seu encontro com Paletó e os Wari; a Els Lagrou, pelas conversas sobre design, arte, antropologia e os Huni Kuin; a Amilton Matos, pelo empenho que viabilizou as colaborações com o professor Ibã Sales Huni Kuin; às pesquisadoras e aos pesquisadores do Laboratório de Design e Antropologia, especialmente Giulia Cezini, Ilana Paterman Brasil, Juliá Sá Earp, Marina Siritto, Samia Batista, que fizeram o projeto “Correspondências” acontecer; agradeço também a Barbara Szaniecki e aos organizadores do seminário “Lutas indígenas, bem viver e a crise da noção de desenvolvimento” pelas trocas e pela oportunidade de recebermos, na Esdi, as lideranças do povo Nasa, da Colômbia, que nos presentearam com sua gigantesca força! Encontros como esses valem uma vida! Finalmente, agradeço, mais uma vez, a Tim Ingold, que acompanhou com generosidade e atenção o desenvolvimento do trabalho. Foi como pesquisadora visitante em Aberdeen que pude preparar uma primeira versão do relato sobre a parceria entre a Esdi e o Museu do Índio, que resultou em uma comunicação apresentada na conferência *Art, Materiality and Representation*, organizada pelo Royal Anthropological Institute no British Museum,

em Londres, em maio de 2018. Em setembro do mesmo ano, apresentei uma segunda versão deste trabalho no seminário internacional “Lutas indígenas, bem viver e a crise da noção de desenvolvimento”, realizado na Casa da Ciência (UFRJ) e na Esdi. A partir dessas apresentações preparei uma versão reduzida deste texto, que foi publicada pela revista “Lugar Comum”, em julho de 2019. A convite de Nina Paim e Claudia Mareis, uma outra versão será publicada, em inglês, na coletânea de artigos intitulada *Beyond Change: imagining design beyond precarity, coloniality, and patriarchy*.

ZOY ANASTASSAKIS formou-se pela Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi/Uerj). É Mestre (2007) e Doutora (2011) em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ). Professora Adjunta da Esdi, onde coordena o Laboratório de Design e Antropologia (LaDA). Entre 2016 e 2018, foi diretora eleita da Esdi. É autora de *Triunfos e impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e o design no Brasil* (Lamparina, 2014). É pesquisadora associada a *Research Network for Design Anthropology*, com sede na Dinamarca e foi pesquisadora convidada do projeto “Knowing from the Inside: Anthropology, Art, Architecture and Design”, coordenado por Tim Ingold no Departamento de Antropologia da Universidade de Aberdeen, Escócia. Entre 2019 e 2020, realizou pesquisa de pós-doutorado junto ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), em Lisboa, Portugal, onde, a partir de 2020, atua como investigadora colaboradora.